William Shakespeare

O Mercador de Veneza

L&PM POCKET

WILLIAM SHAKESPEARE

O MERCADOR DE VENEZA

Tradução de BEATRIZ VIÉGAS-FARIA

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

VIDA E OBRA

William Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon, Inglaterra, em 23 de abril de 1564, filho de John Shakespeare e Mary Arden. John Shakespeare era um rico comerciante, além de ter ocupado vários cargos da administração da cidade. Mary Arden era oriunda de uma próspera família. Pouco se sabe da infância e da juventude de Shakespeare, mas imagina-se que tenha frequentado a escola primária King Edward VI, onde teria aprendido latim e literatura. Em dezembro de 1582, Shakespeare casou-se com Anne Hathaway, filha de um fazendeiro das redondezas. Tiveram três filhos.

A partir de 1592, os dados biográficos são mais abundantes. Em março, estreou no Rose Theatre de Londres uma peça chamada *Harry the Sixth*, de muito sucesso, que foi provavelmente a primeira parte de *Henrique VI*. Em 1593, Shakespeare publicou seu poema *Vênus e Adônis* e, no ano seguinte, o poema *O estupro de Lucrécia*. Acredita-se que, nessa época, Shakespeare já era um dramaturgo (e um ator, já que os dramaturgos na sua maior parte também participavam da encenação de suas peças) de sucesso. Em 1594, após um período de poucas montagens em Londres, devido à peste, Shakespeare juntou-se à trupe de Lord Chamberlain. Os dois mais célebres dramaturgos do período, Christopher Marlowe (1564-1593) e Thomas Kyd (1558-1594), respectivamente autores de *O judeu de Malta* e *Tragédia espanhola*, morreram por esta época, e Shakespeare encontrava-se pela primeira vez sem rival.

Os teatros de madeira elisabetanos eram construções simples, a céu aberto, com um palco que se projetava à frente, em volta do qual se punha a plateia, de pé. Ao fundo, havia duas portas, pelas quais atores entravam e saíam. Acima, uma sacada, que era usada quando tornava-se necessário mostrar uma cena que se passasse em uma ambientação secundária. Não havia cenário, o que abria toda uma gama de versáteis possibilidades, já que, sem cortina, a peça começava quando entrava o primeiro ator e terminava à saída do último, e simples objetos e peças de vestuário desempenhavam importantes funções para localizar a história. As ações se

passavam muito rápido. Devido à proximidade com o público, trejeitos e expressões dos atores (todos homens) podiam ser facilmente apreciados. As companhias teatrais eram formadas por dez a quinze membros e funcionavam como cooperativas: todos recebiam participações nos lucros. Escrevia-se, portanto, tendo em mente cada integrante da companhia.

Em 1594, Shakespeare já havia escrito as três partes de *Henrique VI*, *Ricardo III*, *Tito Andrônico*, *Dois cavalheiros de Verona*, *Trabalhos de amor perdidos*, *A comédia dos erros* e *A megera domada*. Em 1596, morreu o único filho homem de Shakespeare, Hamnet. Logo em seguida, ele escreveu a primeira das suas peças mais famosas, *Romeu e Julieta*, à qual seguiram-se *Sonho de uma noite de verão*, *Ricardo II* e *O mercador de Veneza*. *Henrique IV*, na qual aparece Falstaff, seu mais famoso personagem cômico, foi escrita entre 1597-1598. No Natal de 1598, a companhia construiu uma nova casa de espetáculos na margem sul do Tâmisa. Os custos foram divididos pelos diretores da companhia, entre os quais Shakespeare, que provavelmente já tinha alguma fortuna. Nascia o Globe Theatre. Também é de 1598 o reconhecimento de Shakespeare como o mais importante dramaturgo de língua inglesa: suas peças, além de atraírem milhares de espectadores para os teatros de madeira, eram impressas e vendidas sob a forma de livro – às vezes até mesmo pirateados. Seguiram-se *Henrique V*, *Como gostais*, *Júlio César* – a primeira das suas tragédias da maturidade –, *Troilo e Créssida*, *As alegres matronas de Windsor*, *Hamlet* e *Noite de Reis*. Shakespeare escreveu a maior parte dos papéis principais de suas tragédias para Richard Burbage, sócio e ator, que primeiro se destacou com *Ricardo III*.

Em março de 1603, morreu a rainha Elizabeth. A companhia havia encenado diversas peças para ela, mas seu sucessor, o rei James, contratou-a em caráter permanente, e ela tornou-se conhecida como King's Men – Homens do Rei. Eles encenaram diversas vezes na corte e prosperaram financeiramente. Seguiram-se *Bem está o que bem acaba* e *Medida por medida* – suas comédias mais sombrias –, *Otelo*, *Macbeth*, *Rei Lear*, *Antônio e Cleópatra* e *Coriolano*. A partir de 1601, Shakespeare escreveu menos. Em 1608, a King's Men comprou uma segunda casa de espetáculos, um teatro privado em Blackfriars. Nesses teatros privados, as peças eram encenadas em ambientes fechados, o ingresso custava mais do que nas casas públicas de espetáculos, e o público, consequentemente, era mais seleto. Parece ter sido nessa época que Shakespeare aposentou-se dos palcos: seu

nome não aparece nas listas de atores a partir de 1607. Voltou a viver em Stratford, onde era considerado um dos mais ilustres cidadãos. Escreveu então quatro tragicomédias, subgênero que começava a ganhar espaço: *Péricles*, *Cimbelino*, *Conto de inverno* e *A tempestade*, sendo que esta última foi encenada na corte em 1611. Shakespeare morreu em Stratford em 23 de abril de 1616. Foi enterrado na parte da igreja reservada ao clero. Escreveu ao todo 38 peças, 154 sonetos e uma variedade de outros poemas. Suas peças destacam-se pela grandeza poética da linguagem, pela profundidade filosófica e pela complexa caracterização dos personagens. É considerado unanimemente um dos mais importantes autores de todos os tempos.

“TERÁS MAIS JUSTIÇA DO QUE QUERIAS”

Mais conhecido modernamente por suas tragédias, Shakespeare na verdade foi um grande comediógrafo da Inglaterra elizabetana. E *O mercador de Veneza* classifica-se entre as comédias do autor.

As pesquisas sobre a criação do texto situam *O mercador de Veneza* como obra não anterior a 1596. O enredo da peça saiu de um conto italiano do século XIV, publicado em Milão em 1558. Neste conto, temos a história de um homem de Veneza chamado Giannetto (que tem um generoso padrinho, Ansaldo) e de uma *lady* de Belmonte; há também a dívida de uma libra de carne humana pesada na balança, a *lady* disfarçada de advogado e a questão de um anel, detalhes que igualmente aparecem em *O mercador*.

Christopher Marlowe, dramaturgo contemporâneo de Shakespeare, escrevera *Jew of Malta* (*O judeu de Malta*), peça de sucesso nos palcos ingleses em duas ocasiões distintas, uma delas em 1594, ano em que um português (judeu de nascimento), médico da rainha Elizabeth, foi sentenciado à morte por traição. Os estudiosos de *O mercador* apontam em certas falas de Shylock um eco de algumas falas do judeu de Marlowe.

Como peça de uma estética renascentista romântica, *O mercador de Veneza* apresenta Belmonte, um espaço de conto de fadas, onde há uma linda “princesa” (*Lady* Pórcia) e caixas ornamentadas que guardam segredos em forma de charada. A peça exibe ainda um outro detalhe do Romantismo típico das tragédias shakespearianas, e não das comédias: Shylock tem uma premonição que lhe chega através de um sonho. Ele sonha e pressente: “Alguma maldade está sendo preparada contra o meu repouso, pois esta noite passada sonhei com sacas de dinheiro” (2, V). Além disso, temos na trama Pórcia, uma heroína romântica que declara ao seu amado um amor romântico (que remete a outra Pórcia de Shakespeare, em *Júlio César*) e diz, como a esposa de César: “Detesto esses seus olhos! Porque me enfeitiçaram e me dividiram: uma metade minha é sua, e a outra metade é sua… quero dizer, minha. Mas, se é minha, é sua e, portanto, sou inteira sua” (3, II).

O tema do preconceito (no caso específico de Shylock, o antissemitismo) também pode ser visitado nas cenas em que as três caixas são escolhidas consecutivamente por três pretendentes de Pórcia, a rica herdeira, *lady* de

Belmonte – e os versos que as caixas contêm traduzem-se numa lição de moral sobre o preconceito: “nem tudo que reluz é ouro”, ou seja, as aparências enganam; o que não promete nada (o amor) e, em vez disso, exige e ameaça (com a possibilidade de vir a perder tudo), é justamente o que entrega o prêmio pretendido (o amado).

No último ato de *O mercador*, temos a questão dos anéis motivando rusgas entre dois casais – retoma-se a temática do obstáculo a ser superado pelos pares românticos, o que dá a Shakespeare a chance de apresentar uma vez mais em sua dramaturgia a guerra dos sexos (tão bem textualizada em *A comédia dos erros*). Reafirma-se a imagem da mulher como ser ardiloso e compreensivo (quando não condescendente) frente ao homem. Depois dos altos e baixos das confusões românticas, tem-se o típico final das comédias do teatro elizabetano: os casais saem de cena para consumar o casamento (enfim, a noite de núpcias), o que vai ao encontro das expectativas do público espectador da época de Shakespeare.

Contudo, as comédias shakespearianas subvertem as expectativas do público (leitor ou espectador) – o final feliz nunca é totalmente livre de problemas, nunca traz em si todas as resoluções (de reconciliação e consequente alegria) para todas as confusões do enredo. O público espectador da Era Elizabetana, assim como os públicos leitor e espectador de hoje, espera de uma comédia um final feliz. Mesmo que em certos momentos o texto se mostre francamente trágico, o público aceita os momentos de tragédia na certeza de que, no fim, tudo ficará bem – os contratempos terão sido solucionados. A comédia romântica, classificação que abrange as comédias shakespearianas, em linhas gerais trata do amor heterossexual entre jovens que estão em perigo ou passam por dificuldades. Ao fim da peça, os desencontros terminam em reencontros, e o clima geral é de reconciliação depois de todas as confusões do enredo.

Temos em *O mercador de Veneza* os casais românticos de uma comédia, em número de três: Jéssica e Lorenzo (que precisam superar o obstáculo de ser ela judia e ele cristão); Pórcia e Bassânio (para o rapaz ter a moça, ele precisa decifrar uma charada imposta pelo falecido pai de Pórcia); e Nerissa e Graciano.

Há pelo menos duas confusões típicas de uma comédia renascentista: mulheres que se vestem de homens (lembrando que, na época, era proibido às mulheres atuarem no palco, o que emprestava a esse tipo de situação cênica ainda mais um viés para interpretação: o público sabia que tinha à

sua frente um rapaz fazendo papel de mulher fazendo papel de um rapaz) e o aparente sumiço de anéis que trocam de dono no desenrolar da trama. Tanto um quanto outro – ambos artifícios dramatúrgicos para a instauração de confusões em cena – foram usados por Shakespeare em outras peças (a troca de anéis em *Bem está o que bem acaba* e mulheres travestindo-se de homens em *Noite de Reis*, por exemplo).

Embora textos cômicos para o teatro sejam arquitetados em cima de confusões que permeiam a trama (trocas de identidade, por exemplo), Shakespeare por vezes introduz nas comédias uma personagem imbuída de maldade (uma característica de personagem trágica), o que dilata o eixo cômico das confusões e torna menos relevante o tema dos enganos (propositais ou não).

Shylock, o judeu de Veneza, é mais do que uma dessas personagens imbuídas de maldade; Shylock é uma personagem verdadeiramente trágica dentro de uma comédia; daí uma das singularidades dramatúrgicas que fazem de *O mercador de Veneza* um dos textos mais importantes de Shakespeare e que se presta a ser encenado de várias maneiras – e que vem sempre recebendo novas interpretações ao longo dos séculos.

O conflito que se deflagra na peça é instaurado por um desejo de vingança contra a humanidade, contra o universo, contra as injustiças do mundo. Há este judeu em Veneza, Shylock, farto de tanto ser acusado de ser o que ele é (um judeu), farto de tanto ser ofendido em função de sua identidade – na época em que se passa a história de *O mercador de Veneza*, fim do século XVI, os judeus dessa cidade-Estado eram obrigados a morar em um gueto. Na Inglaterra de Shakespeare, todo judeu era *persona non grata* havia três séculos. Proibidos de ter propriedades, aos judeus restava ocuparem-se com o exercício da usura – prática de que os cristãos lançavam mão com assiduidade e, paradoxalmente, prática que o seu moralismo condenava, por ser taxada de pecado pelo cristianismo. Como os judeus, diferentemente dos negros, não tinham traços físicos que os diferenciassem dos cristãos, eram obrigados a cobrir a cabeça com um chapéu vermelho. Isso os punha em destaque no Rialto, o centro financeiro de Veneza, onde se reuniam os homens de negócio da época na cidade-Estado.

A irredutibilidade do judeu Shylock em seu desejo de vingança contra o mundo que o maltrata vem acompanhada de uma argumentação impecável, e um dos argumentos aponta um dedo acusador na direção dos cristãos: são

escravagistas desde sempre os mesmos que naquele momento acusam Shylock de inumano.

Shylock é derrotado e condenado por um sistema surdo aos seus apelos – do mesmo modo que ele se mostrara, momentos antes, surdo aos apelos de seus arguidores, para mais adiante ser por eles ameaçado: “Terás mais justiça do que querias”.

Personagem que começa sendo mostrado como vítima de preconceito, Shylock primeiro sofre um duro golpe perpetrado pela própria filha; depois, na questão que envolve Antônio, o mercador de Veneza, confia no sistema judicial e termina por este derrotado: “perda em cima de perda...” (3, I). Antônio é personagem que também começa e termina derrotado – pela própria melancolia, que se supõe calcada em um amor impossível: “Eu sou o carneiro doente do rebanho, marcado para morrer” (4, I). E tudo isso dentro de uma peça que se classifica como comédia.

Antônio tem uma fala que define sua tristeza existencial e que também é típica de Shakespeare (por exemplo, em *Sonho de uma noite de verão*) – uma fala que trata da vida como um grande teatro, do mundo como um grande palco, dos homens como pobres atores: “Eu levo o mundo como o mundo é, Graciano: um palco, onde cada homem tem o seu papel, e o meu é triste” (1, I).

Já Shylock é uma personagem tão dominante na trama, tão densa em seu sofrimento e seus questionamentos do *status quo*, homem tão sofrido em sua viuvez (da esposa e de uma pátria-mãe), que é comum que o público em geral pense que o mercador de Veneza do título (na verdade, Antônio) é o judeu injuriado e sedento de vingança.

O mercador de Veneza também pode ser vista como uma peça sobre a compaixão como sentimento necessário ao ser humano. Assim fala a precocemente sábia Pórcia sobre a necessidade de exercermos a misericórdia:

> A misericórdia é uma virtude que não se pode fazer passar à força por uma peneira, mas pinga como a chuva mansa cai dos céus na terra. É duplamente abençoada: abençoa quem tem compaixão para dar e quem a recebe. Poderosa nos poderosos, harmoniza-se com o monarca ao trono melhor que a coroa. O cetro denota a força do poder temporal, o atributo real que inspira o respeito à majestade, fonte do temor e da reverência aos reis. Mas a misericórdia está acima de qualquer movimento do cetro. Ela tem seu trono no coração dos reis, é um atributo de Deus e um

tributo a Deus, é um poder mundano que se mostra divino… quando a misericórdia vem temperar a justiça. (4, I)

Com esta tradução da peça para a língua portuguesa do Brasil, suspendo o prefácio neste ponto e deixo para os leitores de Shakespeare detectar no texto da peça quais outras questões são motivo de sofrimento para Shylock, quais outras questões são motivo de sofrimento para Antônio, onde no texto ecoam ditos populares e ensinamentos da Bíblia e que relevância têm no texto as alusões à mitologia clássica. Detectar no texto os encantos da linguagem foi tarefa minha, de tradutora.

Quando o leitor desta tradução encontrar em uma mesma fala, por exemplo, diferentes pronomes com os quais a personagem que fala dirige-se ao seu interlocutor (por exemplo, você/tu; o senhor/você), aviso desde já que esta é uma marca do texto dramatúrgico shakespeariano, e não um erro de tradução e/ou revisão. Essas flutuações nos pronomes pessoais e de tratamento em geral (mas nem sempre) devem-se a mudanças no humor ou no estado emocional de quem fala. O processo tradutório procurou não apagar essas inconsistências gramaticais aparentes.

Espero que o leitor encontre, neste português de hoje, alguma ressonância do texto shakespeariano, mesmo que rarefeita, de uma construção (que se pretendeu estética) das palavras em frases, das frases em diálogos, dos diálogos em falas devidamente cadenciadas – para que estas possam ser, na imaginação do leitor, as falas dos atores no palco.

Beatriz Viégas-Faria
Junho de 2007

OBRAS CONSULTADAS:

CREASER, John. Forms of confusion. In: LEGGATT, Alexander (ed.). *The Cambridge Companion to Shakespearean Comedy.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 81-101.

LEGGATT, Alexander (ed.). *The Cambridge Companion to Shakespearean Comedy.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MAHOOD, M.M. The New Cambridge Shakespeare. Cambridge: The Cambridge University Press, 2003.

RADFORD, Michael (diretor e roteirista). *William Shakespeare's The Merchant of Venice.* Sony Pictures. UK, 2004.
<**http://www.sonypictures.com/classics/merchantofvenice/SONY-VEMI-04/TeachersGuide.pdf**>

SOARES DOS SANTOS, Marlene. Rindo com o Bardo. In: *William Shakespeare.* EntreClássicos 2. Edição especial da Revista EntreLivros. São Paulo: Duetto, 2006.

O MERCADOR DE VENEZA

PERSONAGENS

O **Doge** de Veneza
O Príncipe do **Marrocos**, pretendente de Pórcia
O Príncipe de **Aragão**, também pretendente de Pórcia
Bassânio, um lorde italiano, outro pretendente de Pórcia
Antônio, um mercador de Veneza
Solânio --------|
Salarino | Cavalheiros venezianos,
Graciano | acompanhantes de Bassânio
Lorenzo --------|
Shylock, o judeu rico, pai de Jéssica
Tubal, um judeu, amigo de Shylock
Pórcia, a dama italiana, rica
Nerissa, sua dama de companhia
Jéssica, filha de Shylock
Gobbo, um velho, pai de Lancelote
Lancelote Gobbo, o Palhaço
Estéfano, um mensageiro
Carcereiro
Salério, um mensageiro de Veneza
Leonardo, um dos criados de Bassânio
Baltasar ----------|
Criado | a serviço da casa de Pórcia
Mensageiro --------|
Um **criado**, contratado por Antônio
Serviçais
Os Magníficos Lordes de Veneza
Oficiais do Tribunal de Justiça

PRIMEIRO ATO

ATO 1, CENA I [EM VENEZA]

Entram Antônio, Salarino e Solânio.

ANTÔNIO – A bem da verdade, nem sei de onde esta minha tristeza. Me incomoda saber que isso te incomoda. Mas, como foi que peguei isso, como foi que me achei assim, ou mesmo como foi que isso se apoderou de mim, e de que matéria ela é feita e onde está sua origem, ainda preciso descobrir. E tamanho idiota essa tristeza faz de mim que me fica muito difícil reconhecer-me a mim mesmo.

SALARINO – Sua mente agita-se no oceano, lá onde os seus opulentos navios mercantes agitam-se com portentosas velas, como os importantes senhores da *Signoria*[1] e os burgueses ricos, na maré cheia; ou, se você prefere, como as principais atrações de um desfile: observando a insignificância dos outros negociantes, que se curvam em reverência à sua passagem veloz, no voo de suas asas habilmente tecidas.

SOLÂNIO – Acredite-me, *sir*: tivesse eu tantos bens empenhados em uma iniciativa de risco, boa parte de minhas preocupações estaria lá fora, junto com minhas esperanças. Eu estaria a toda hora arrancando capim do chão e atirando-o para o alto, que era para ver de que direção sopram os ventos; eu estaria examinando os mapas à procura de portos e píeres e ancoradouros; e cada incidente que pudesse me antecipar uma desgraça, que viesse me fazer temer por meu empreendimento de risco, ora… sem dúvida alguma, isso me poria triste.

SALARINO – Só no soprar a minha sopa eu já ia ter um febrão[2] me sacudindo, de tanta agonia, ao imaginar que um forte vendaval pudesse estar soprando em alto-mar. Eu não ia conseguir ver a areia escorrendo na ampulheta sem pensar em bancos de areia, imaginando o meu *Santo André*, [3] carregado de preciosidades, encalhado, adernando, e depois o topo dos mastros chegando à altura do convés, preparando-se para beijar sua sepultura. Se eu fosse à igreja, só de ver a sagrada edificação de pedras, será que eu conseguiria desviar o pensamento de rochedos perigosos? A eles basta tocar o material nobre e delicado de um dos lados do meu navio para que todas as suas especiarias se derramem na corrente, para que todas as

minhas sedas[4] cubram as águas e seu rugido, para que (em resumo) eu, que até aquele instante valia tanto… no mesmo instante já não valha nada. Será que eu poderia, imaginando essas coisas, pensar sobre isso e ao mesmo tempo não imaginar que, no caso de um tal azar, isso não me deixaria triste? Mas não, não me responda; eu sei que Antônio está triste de tanto pensar em sua mercadoria.

Antônio – Acreditem-me, não. Agradeço à minha boa estrela por isto: meus empreendimentos de risco não estão aplicados em um único casco de navio, tampouco vão eles para um único lugar; também não depende todo o meu patrimônio dos desígnios deste ano. Assim, não é a minha mercadoria o que me entristece.

Solânio – Ora! Então você está apaixonado.

Antônio – Nem pensar!

Solânio – Também não é paixão? Então, digamos que você está triste porque não está alegre; e daria no mesmo se você estivesse dando risada e dando cambalhota e dissesse que está alegre porque não está triste. Agora, por favor: pelas duas frontes do deus Jano,[5] a Natureza construiu sujeitos estranhíssimos à sua época. Alguns vão para sempre apertar os olhinhos e gargalhar como papagaios ao som de uma gaita de foles;[6] e outros têm aspecto tão avinagrado que não mostram os dentes à guisa de um sorriso nem que o macambúzio Nestor[7] jurasse que a piada tem graça.

Entram Bassânio, Lorenzo e Graciano.

Aí vem Bassânio, o seu mais nobre parente, com Graciano e Lorenzo. Até logo; vamos deixá-lo agora em melhor companhia.

Salarino – Eu gostaria de ficar até conseguir fazê-lo sorrir, se amigos de maior valor não estivessem me impedindo.

Antônio – Tenho em muito alta conta o seu valor. Acredito que os seus negócios lhe chamam, e você deve aproveitar a oportunidade para despedir-se.

Salarino – Tenham um bom dia, meus caros lordes.

Bassânio – Meus bons senhores da *Signoria*, pergunto a ambos: quando é que vamos rir de novo? Digam-me: quando? Vocês estão se afastando de mim; isso é necessário?

Salarino – Nós vamos fazer com que as nossas horas vagas coincidam com as suas.

Saem Salarino e Solânio.

Lorenzo – Meu bom Lorde Bassânio, já que encontrou Antônio, nós dois vamos aproveitar para nos despedirmos do senhor, mas, à hora do almoço, eu lhe peço, não se esqueça de onde marcamos de nos encontrar.

Bassânio – Estarei lá, com certeza.

Graciano – Não está com a aparência boa, *Signor* Antônio. O senhor tem respeito demais pelo mundo. Quem leva tudo muito a sério acaba perdendo o divertido da vida. Acredite-me, o senhor está assombrosamente mudado.

Antônio – Eu levo o mundo como o mundo é, Graciano: um palco, onde cada homem tem o seu papel, e o meu é triste.

Graciano – Permitam-me o papel do Bobo. Com alegria e risadas, deixem as típicas rugas da velhice aparecer, e deixem o meu fígado aquecer-se com vinho: melhor que o meu coração esfriar com os fatais suspiros[8] de arrependimento. Por que iria um homem de sangue quente ficar imóvel como o seu avô esculpido em alabastro?[9] Ficar dormindo quando se acorda de manhã? E arrastar-se na direção da icterícia por ser rabugento e mal-humorado? Pois vou lhe dizer uma coisa, Antônio (tenho pelo senhor grande afeição, e é este meu amor por sua pessoa que está falando): existe um tipo de homem que tem o rosto na superfície recoberto por uma nata, como um poço de águas paradas, e ele se mantém imóvel e mudo, na intenção de que venha envolvê-lo a opinião alheia, que o dê por sábio, sério, um profundo pensador, e é como se ele dissesse “Sou o seu dr. Oráculo e, quando abro a boca, que não me interrompa nenhum cachorro!”. Ah, meu bom Antônio, eu bem sei desses que são reputados sábios tão somente porque não dizem nada, quando, tenho certeza, se estivessem falando, estariam também condenando os ouvidos que, ao escutá-los, viessem a denunciar como tolo o seu próximo. Vou lhe contar mais sobre isso em uma outra ocasião. Mas cuide que não sirva a sua melancolia de isca para lhe angariar essa fama de bobalhão. Vamos, meu bom Lorenzo. Vamos nos despedir por ora. Termino minha exortação após o almoço.

Lorenzo – Bom, nós então nos despedimos de vocês: até a hora do almoço. Devo ser um desses homens sábios e mudos, pois Graciano nunca me deixa falar.

GRACIANO – Bem, é só me fazer companhia por dois anos mais e você não terá nem como reconhecer o som da própria voz.

ANTÔNIO – Até logo; eu vou me fazer falador agora, para esta minha próxima conversa.

GRACIANO – Eu lhe agradeço, de verdade, pois o silêncio só é recomendável na boca mole de um boi velho ou em virgem sem valor no mercado.

Saem Graciano e Lorenzo.

ANTÔNIO – Sobre o que estava falando ele? Enfim, silêncio.

BASSÂNIO – Graciano consegue falar uma quantidade infinita de nada, mais que qualquer outro homem em toda a Veneza. Os argumentos dele são dois grãos de trigo perdidos em dois alqueires de joio; você pode procurar um dia inteiro antes de encontrá-los e, quando finalmente os encontra, vê que não valeram a busca.

ANTÔNIO – Bom, agora me diga que dama é essa por quem você se obriga a uma peregrinação secreta, que você prometeu hoje me contar sobre ela, a dama.[10]

BASSÂNIO – Você não desconhece, Antônio, o quanto dilapidei minha fortuna para ostentar um estilo de vida que é um tanto mais portentoso do que podem meus magros meios continuar sustentando. Também não estou agora me queixando por ver-me obrigado a ceifar a enormidade de meus gastos. Não; minha maior preocupação é sobreviver de modo honrado às descomunais dívidas que angariei no passado, dívidas verdadeiramente prodigiosas. Com você, Antônio, tenho minhas maiores dívidas, tanto em dinheiro quanto em afeição, e é o seu amor por mim que me permite expor todos os meus planos e propósitos no sentido de pagar e me ver livre de todas as minhas dívidas.

ANTÔNIO – Eu lhe peço, meu bom Bassânio, conte-me. E, se todos os planos e propósitos forem tão honrados como sempre foi a sua conduta, esteja certo de que a minha bolsa, a minha pessoa e todos os meus recursos até o último tostão estarão abertos para você no que for necessário.

BASSÂNIO – Nos dias em que eu ainda era um menino na escola, sempre que perdia uma flecha, atirava outra igual, de mesmo tamanho e peso, na mesma direção, e dessa vez observava com mais cuidado, para descobrir sua companheira. Então, ao arriscar duas, na maioria das vezes eu achava as duas. Exponho essa experiência da infância, pois o que vou expor a seguir é

pura ingenuidade. Eu lhe devo muito e, como uma criança, imprudente, o que lhe devo eu não tenho. Mas, se você consentir em atirar uma outra flecha na mesma direção em que você atirou a primeira, não tenho dúvidas de que, como estarei vigiando o alvo, ou encontro as duas ou trago de volta a segunda arriscada e, agradecido, permaneço devedor da primeira.

Antônio – Você me conhece bem, e até agora só está perdendo tempo, dando voltas na conversa para no fim fazer valer a afeição que lhe tenho. Sem dúvida, você me magoa mais agora, ao questionar minha total disposição a ajudá-lo, do que se você tivesse jogado fora todo o meu patrimônio. Vamos lá, diga-me o que devo fazer que, no seu entender, possa ser feito por mim, e estou pronto a fazê-lo. Portanto, fale.

Bassânio – Em Belmonte, há uma certa dama que herdou uma fortuna, e ela é formosa, e (o que é mais importante) suas virtudes são notáveis. Uma vez, dos olhos dela recebi mensagens lindas e sem palavras. O nome dela é Pórcia, e em nada fica a dever para aquela outra Pórcia, filha de Catão e esposa de Brútus.[11] E este nosso vasto mundo não lhe ignora o valor, pois os quatro ventos sopram, de todas as costas, trazendo-lhe renomados pretendentes. O cabelo de Pórcia emoldura-lhe o rosto em cachos ensolarados, como um velocino de ouro, e transforma sua casa em Belmonte na praia de Colchis, onde todos que ali aportam chegam como um Jasão[12] à sua procura. Ah, meu Antônio, tivesse eu os meios de competir com eles, algo me diz que terei sucesso; tenho um presságio, e pressinto minha prosperidade sem sombra de dúvida.

Antônio – Tu sabes que todos os meus bens estão no mar; não tenho dinheiro, e tampouco mercadorias, ou seja, não tenho liquidez. Sendo assim, vai e tenta descobrir que quantia o meu crédito em Veneza pode levantar, e vê que se possa espichar essa soma ao máximo e assim te suprir do necessário para chegares a Belmonte e à bela Pórcia. Vai de uma vez, pergunta, e eu também vou aonde há dinheiro, e para mim não faz diferença se se consegue o dinheiro em troca de uma garantia ou em função de uma amizade.

Saem.

ATO 1, CENA II [EM BELMONTE]

Entra Pórcia com sua dama de companhia Nerissa.

PÓRCIA – Por minha fé, Nerissa, o meu corpo diminuto está cansado deste imenso mundo.

NERISSA – A senhorita estaria cansada, minha doce dama, se os seus problemas fossem tantos em número quanto suas venturas. No entanto, por tudo que posso ver, adoecem os que se empanturram tanto quanto os que definham por não ter o que comer. Não é pouca felicidade, portanto, situar-se entre os dois opostos; o excesso logo ganha cabelos brancos, mas a frugalidade tem vida longa.

PÓRCIA – É uma boa frase, e muito bem recitada.

NERISSA – Seria ainda melhor se fosse seguida, como se segue um bom conselho.

PÓRCIA – Se fazer fosse tão fácil como saber o que é melhor fazer, as capelas seriam igrejas e os casebres dos pobres seriam palácios de príncipes. É um bom sacerdote aquele que segue suas próprias instruções; eu posso com mais facilidade ensinar a vinte pessoas o que é o melhor a ser feito do que ser uma das vinte pessoas a seguir meu próprio ensinamento. O cérebro pode criar leis para o sangue, mas um temperamento fogoso pula por cima das palavras frias de um decreto; a loucura da juventude é uma lebre afoita, pronta a saltar por cima das redes de bons conselhos de um velho alquebrado. Mas este raciocínio não adianta de nada na hora de escolher um marido. Ai de mim! A palavra “escolher”! Não posso escolher quem eu quiser, nem rejeitar quem me der nojo, tais são as limitações impostas à vontade de uma filha viva pela vontade de um pai morto postas em testamento. Não é duro, Nerissa? Não posso escolher um e não posso rejeitar nenhum!

NERISSA – O seu pai foi muito virtuoso, e os homens santos à beira da morte sempre têm uma boa inspiração. Portanto, a loteria que ele inventou com os três porta-joias (de ouro, prata e chumbo), através da qual quem escolher o porta-joias que o seu pai escolheu terá escolhido você, nos traz uma certeza: o porta-joias certo jamais será escolhido por outro que não o homem certo, por quem você certamente vai se apaixonar. Mas será que existe calor no seu afeto por algum desses majestosos pretendentes que aqui já chegaram?

PÓRCIA – Eu te peço, liste-os para mim e, à medida que tu os nomeias, eu os descrevo e, conforme a minha descrição, tentamos adivinhar qual o meu afeto.

NERISSA – Primeiro, tem o príncipe napolitano.

Pórcia – Ah, sim, esse é muito novinho, e muito rudimentar também, pois não faz nada além de falar de seu cavalo; e agrega à lista de suas boas qualidades o fato de ele mesmo ferrar o bicho. Receio que a senhora mãe dele tenha dado um passo em falso com o ferreiro.

Nerissa – Depois tem o Conde Palatino.

Pórcia – Esse só o que faz é franzir a testa, como quem diz "Se a senhorita não me quer, a escolha é sua". Ele conta histórias engraçadas e não ri. Receio que ele se torne um filósofo choramingas na velhice, já que é tão cheio dessa tristeza antipática agora, na juventude. Prefiro estar casada com a caveira da morte, osso atravessado na boca e tudo, que com um desses dois. Deus que me livre desses dois!

Nerissa – O que me diz do lorde francês, *Monsieur* Le Bon?

Pórcia – Deus o fez e, portanto, vamos deixá-lo passar por homem. Na verdade, eu sei que é pecado fazer piada dos outros, mas esse…! Ora, ele tem um cavalo melhor que o do napolitano, tem o mau hábito de franzir a testa melhor que o Conde Palatino; ele é todos os homens dentro de homem nenhum. Se cantar um sabiá, ele sai dando cambalhotas; é capaz de esgrimar com a própria sombra. Se eu tivesse de me casar com ele, estaria me casando com vinte maridos. Se ele por mim sentisse menosprezo, eu o perdoaria, porque, se fosse louco por mim, eu não teria como retribuir.

Nerissa – O que você diria então a Falconbridge, o jovem barão da Inglaterra?

Pórcia – Você sabe que eu não diria nada a ele, pois esse é um que não me entende, e nem eu a ele. Ele não fala latim, nem francês, nem italiano, e você mesma pode dar testemunho sob juramento de que o meu inglês é uma titica. Ele é um retrato de tão bonito, mas, ora, bolas, quem consegue conversar com um dançarino de pantomima? E que maneira estranha de se vestir! Acho que ele comprou seu gibão na Itália, os calções bufantes na França, o chapéu na Alemanha, e os modos… em tudo quanto foi lugar.[13]

Nerissa – O que você acha do vizinho dele, o lorde escocês?

Pórcia – Acho que ele tem dentro de si uma caridade de vizinho, pois levou do inglês um tapa na cara e prometeu devolver assim que fosse possível. Acho que o francês ficou de fiador do escocês, pois também levou um bofetão do inglês e garantiu que devolve depois, tudo junto.

Nerissa – E como você vê o moço alemão, o sobrinho do Duque da Saxônia?

Pórcia – Bastante desprezível de manhã, quando está sóbrio, e desprezível ao máximo à tarde, quando está bêbado. Quando ele está em sua melhor forma, é um bocado pior que um homem, e, quando está em sua pior forma, é pouco melhor que um animal. Só espero que, se acontecer o pior, eu saiba dar um jeito de dispensá-lo.

Nerissa – Se ele tenta adivinhar e escolhe o porta-joias certo, você precisa recusar-se a executar o testamento do senhor seu pai se quiser recusar-se a aceitar o alemão por marido.

Pórcia – Portanto, por horror ao pior, eu te peço: coloca uma grande taça de vinho do Reno no porta-joias errado, porque, se o diabo estiver ali dentro e a tentação ali fora, eu sei que ele vai escolher esta. Faço qualquer coisa, Nerissa, mas não me caso com um esponja.

Nerissa – Não precisa temer, senhorita, ter qualquer um desses lordes por marido. Eles me puseram a par de suas decisões, que são de voltar para casa e não mais incomodá-la fazendo-lhe a corte, a menos que você possa ser conquistada por algum outro meio que não essa imposição do senhor seu pai, que fica na dependência dos porta-joias.

Pórcia – Mesmo que eu viva até a idade de Sibila,[14] morro virgem como Diana,[15] a menos que alguém me ganhe pelo meio descrito no testamento de meu pai. Fico feliz de saber que esse lote de pretendentes é medíocre, pois nenhum deles me fará sentir sua ausência, e rezo a Deus que lhes garanta uma boa viagem de volta.

Nerissa – Você está lembrada, senhorita, no tempo em que o senhor seu pai era vivo, de um veneziano, erudito e soldado,[16] que aqui chegou em companhia do Marquês de Montferrat?

Pórcia – Sim, claro, era Bassânio! … Acho que era isso, que era esse o nome dele.

Nerissa – Era mesmo, senhorita. Ele, dentre todos os homens que estes meus olhos simplórios já viram, era o mais merecedor de uma formosa dama.

Pórcia – Lembro bem dele, e lembro dele como merecedor do teu elogio.

Entra um Serviçal.

Mas, então, quais são as novas?

Serviçal – Os quatro estrangeiros estão à sua procura, madame, para as despedidas. E tem um mensageiro, de parte de um quinto, o Príncipe de Marrocos, que chegou para avisar que o senhor seu amo, o Príncipe, chega esta noite.

Pórcia – Se eu pudesse dar as boas-vindas a este quinto com tanta alegria quanto vou me despedir dos outros quatro, ficaria contente com sua chegada. Se ele tiver o caráter de um santo e as feições de um demônio, prefiro que venha a ser meu confessor, e não meu marido. Vamos, Nerissa; e tu, seu moço, vai na frente. Nem bem fechamos os portões às costas de um pretendente, e já outro vem bater à porta.

Saem.

ATO 1, CENA III [EM VENEZA]

Entra Bassânio com Shylock, o judeu.

Shylock – Três mil ducados, pois bem.

Bassânio – Sim, senhor, por três meses.

Shylock – Por três meses, pois bem.

Bassânio – Durante os quais, como eu lhe expliquei, Antônio é o meu fiador.

Shylock – Antônio é o fiador, pois bem.

Bassânio – O senhor tem condições de me ajudar? Pode me fazer este obséquio? Poderia me dar uma resposta?

Shylock – Três mil ducados por três meses, e Antônio como fiador.

Bassânio – Qual é a sua resposta?

Shylock – Antônio é um bom homem.

Bassânio – O senhor ouviu alguma coisa em contrário?

Shylock – Ô, não, não, não, não. Quando eu disse que ele é um bom homem, foi na intenção de ter você entendendo que para mim ele é aval suficiente. No entanto, os recursos dele são hipotéticos: ele tem um rico navio mercante indo para Trípoli, outro para as Índias. Também estou sabendo (notícias vindas do Rialto[17]) que ele tem um terceiro navio no México, um quarto partindo para a Inglaterra, e outros empreendimentos de risco espalhados no estrangeiro. Mas navios não passam de tábuas, e marinheiros não passam de homens, e tem ratos em terra firme, e tem ratos

em alto-mar, ladrões aqui e lá também (quero dizer, piratas), e também tem o perigo das águas, dos ventos e dos rochedos. Apesar disso, o homem é aval suficiente. Três mil ducados; acho que posso aceitar uma nota promissória dele.

Bassânio – O senhor pode estar seguro que sim.

Shylock – Vou me assegurar que sim, e, para que eu possa me assegurar, vou pensar com calma sobre o assunto… Eu poderia falar com Antônio?

Bassânio – Se for do seu agrado almoçar conosco…

Shylock – Sim,[18] para sentir o cheiro de carne de porco e comer da morada para onde o profeta, o Nazareno, exorcizou o demônio.[19] Eu me permito comprar de vocês, vender para vocês, falar com vocês, passear com vocês e assim por diante, mas não vou nunca comer com vocês, ou beber com vocês, nem rezar com vocês. Quais são as novas no Rialto? Quem vem aí?

Entra Antônio.

Bassânio – Este é o *Signor* Antônio.

Shylock *[à parte]* – Ele se parece muito com um coletor de impostos que fosse humilde! Detesto o sujeito por ser um cristão, mas detesto ainda mais porque, assim humilde e simplório, ele faz empréstimos de graça e reduz a taxa de juros aqui para nós em Veneza. Se eu conseguir pegar ele de jeito, então alimento à larga o meu velho rancor contra ele. Ele odeia a nossa sagrada nação judaica e me insulta a mim, até mesmo lá onde os mercadores costumam se reunir, e ofende as minhas boas ofertas e o meu bem-merecido e suado sucesso, que ele chama de ganhos em cima dos juros. Amaldiçoada seja a minha tribo, se eu conceder perdão a esse sujeito!

Bassânio – Shylock, está ouvindo?

Shylock – Estou pensando o quanto devo ter em caixa e, se não me engana a minha memória, acho que não consigo de um instante para outro levantar o total de três mil ducados. Fazer o quê? Tubal, um hebreu rico da minha tribo, me fornece o que eu precisar.[20] Mas, espere um momento: quantos meses você quer? *[Dirigindo-se a Antônio:]* Minhas saudações, *Signor* Antônio! Sua senhoria foi pessoa recém-mencionada aqui na nossa conversa.

Antônio – Shylock, muito embora eu não empreste nem tome emprestado exigindo ou devolvendo em excesso, ainda assim, a fim de suprir as necessidades prementes de meu amigo, estou disposto a abrir uma exceção. *[Dirigindo-se a Bassânio:]* Ele já está a par da quantia que você quer?

Shylock – Sim, sim, três mil ducados.

Antônio – Por três meses.

Shylock – Isso, eu tinha esquecido, três meses. *[Dirigindo-se a Bassânio:]* Você havia me dito. Mas, então, muito bem, vamos à sua letra promissória. Deixe-me ver… mas, escute aqui, a mim me pareceu que o senhor disse que não empresta nem toma emprestado a juros.

Antônio – Nunca faço isso. Não cobro nem pago juros.

Shylock – Quando Jacó pastoreava as ovelhas de seu tio Labão… Esse Jacó era o terceiro a ocupar as terras, depois do nosso santo Abraão; sim, ele foi o terceiro… (isso porque a mãe de Jacó, com muita sabedoria, forjou tudo a favor do filho[21])…

Antônio – E por que falar nele agora? Ele cobrava juros?

Shylock – Não, não cobrava juros, nem cobrava juros, como vocês diriam, diretamente, sem subterfúgios, sem cerimônia. Note bem o que Jacó fazia: Labão e ele haviam concordado que todos os cordeirinhos que nascessem raiados ou malhados seriam o pagamento de Jacó. As ovelhas, estando no cio no fim do outono, eram levadas até os machos e, quando o trabalho de gerar novos carneirinhos acontecia entre os lanudos genitores, ali, bem no ato, o hábil pastor me descascava certos galhos de árvores e, na ação do ato daquele tipo, ele colocava diante das ovelhas lascivas aqueles ramos fininhos e elas concebiam. Mais adiante, elas pariam cordeiros multicoloridos, e esses eram de Jacó. Era uma maneira de prosperar, e ele foi abençoado; e o lucro é uma bênção se não for roubado.

Antônio – Esse foi um empreendimento de risco, senhor, que Jacó aceitou como forma de pagamento, algo que não estava ao seu alcance fazer acontecer, mas que era comandado e moldado pela mão celestial. Essa história entra aqui para tornar os juros uma coisa boa? Ou o seu ouro e sua prata são ovelhas no cio e carneiros?

Shylock – Com o perdão da palavra, eu faço ouro e prata darem cria. Mas, preste atenção, *Signor*…

Antônio – Note bem, Bassânio, o seguinte: o diabo sabe citar as Escrituras para seus próprios fins. Uma alma perniciosa que apresenta testemunho sagrado é o mesmo que um cafajeste com um sorriso na cara, uma maçã bonita podre por dentro. Ah, que bela fachada tem a falsidade!

Shylock – Três mil ducados; é um bonito número, redondo. Três meses em doze, então deixem-me ver, à taxa de…

Antônio – Ora, Shylock, seremos então seus devedores?

Shylock – *Signor* Antônio, muitas e muitas vezes no Rialto o senhor me taxou disso e daquilo por causa dos meus dinheiros e das minhas taxas de juros. Sempre aceitei tudo com paciência, com um dar de ombros, pois este é o emblema[22] de toda a nossa tribo: resignar-se, sofrer em silêncio. O senhor me chama de infiel, de cão[23] raivoso, e cospe na minha gabardina de judeu. E tudo porque faço uso daquilo que é meu. Pois bem, agora parece que você está precisando de minha ajuda. O que acontece? Você vem a mim e diz: “Shylock, nós queremos ter dinheiros”; é o que você diz, você que jogou o seu catarro nas minhas barbas e me chutou como quem enxota um vira-lata intruso porta afora, e você vem me pedir dinheiros. O que será que eu devo lhe responder? Eu poderia perguntar: “Um cachorro tem dinheiro? Pode um cachorro emprestar três mil ducados?”. Talvez eu devesse me curvar em profunda reverência e, no tom de voz de um escravo, com a respiração suspensa e com sussurrada humildade, eu devesse dizer:

“Mui justo senhor, o senhor cuspiu em mim na última quarta-feira, o senhor me enxotou em um tal dia e, de outra feita, me chamou de cachorro; e, em consideração a essas cortesias, vou lhe emprestar estes tantos dinheiros.”

Antônio – Estou a ponto de te chamar assim de novo, de cuspir em ti de novo, de te enxotar a pontapés também. Se queres emprestar esse dinheiro, empresta não como se fosse para amigos, pois quando é que um amigo toma de outro amigo a ninhada de seu estéril metal? Pelo contrário: empresta o teu dinheiro ao teu inimigo, àquele que, se for à bancarrota, tu podes com um sorriso no rosto cobrar dele a multa devida.

Shylock – Ora, veja só, como o senhor ficou irado! Meu desejo era ser seu amigo, e ter sua afeição, esquecer os insultos com que me manchou a mim, suprir suas necessidades de agora e não aceitar nem um tostão de juros pelos meus dinheiros, mas o senhor não quer me ouvir. Minha oferta é benevolente.

Bassânio – Deveras, isso seria benevolência.

Shylock – E meu desejo é provar essa benevolência. Venha comigo a um notário, me ponha o seu selo e a sua assinatura nessa letra promissória única e livre de condições… e, só por brincadeira, se você não me pagar o que deve no dia previsto, no local previsto, tal quantia ou quantias como descritas na promissória, que seja a multa exatamente uma libra de sua carne clara, a ser cortada e tirada de qualquer parte do seu corpo que eu nominar.

Antônio – Está bem, dou-lhe a minha palavra! Aponho o meu selo a essa promissória, e posso dizer que tem muita benevolência num judeu.

Bassânio – Você não vai assinar uma promissória dessas por mim; prefiro continuar passando necessidades sem-fim.

Antônio – Ora, não precisa ter receio, homem; eu não vou pagar a multa. Dentro de dois meses, um mês antes de expirar a promissória, minha expectativa é de estar recebendo, no retorno de meus empreendimentos, três vezes o triplo do valor dessa promissória.

Shylock – Ah, meu pai Abraão, o que não são esses cristãos, cuja própria maneira de agir, por ser maldosa, ensina-os a suspeitar do pensamento alheio! Eu lhe peço, responda-me o seguinte: se o devedor falta com sua palavra no dia do pagamento, o que ganho eu mandando executar a multa? Uma libra de carne humana, arrancada de um homem, não é coisa nem desejada nem lucrativa, como seria a carne de ovelha, ou de boi, ou de cabra. Digo que, para cair nas boas graças do *Signor* Antônio, ofereço amizade. Se ele quiser, que a aceite; se não, adeus e, por respeito a minha pessoa, peço que não me ofenda.

Antônio – Está bem, Shylock, eu aponho o meu selo nessa sua promissória.

Shylock – Então me encontre sem demora na casa do notário. Dê a ele as instruções para este nosso jovial contrato, que eu vou diretamente juntar numa bolsa os ducados, vou dar uma olhada na minha casa, que ficou sob a guarda nada confiável de um servo descuidado, e em seguida estou indo me encontrar com você.

Sai.

Antônio – Apressa-te, judeu gentio. O hebreu vai virar cristão, de tal modo tornou-se generoso.

BASSÂNIO – Não gosto nem um pouco de palavras justas na mente de um canalha.

ANTÔNIO – Ora, vamos, não pode haver nisso motivo para desalento; os meus navios voltam para casa um mês antes do dia do pagamento.

Saem.

---

[1]. A *Signoria* era um pequeno grupo de nobres da aristocracia de Veneza com papel fundamental no governo da cidade-Estado. (N.T.)
[2]. À época de Shakespeare, acreditava-se que a malária era causada por ares ruins. (N.T.)
[3]. Famoso galeão espanhol, capturado pelos ingleses em Cadiz, em 1596. (N.T.)
[4]. Especiarias e seda eram transportadas em navios mercantes venezianos desde o Oriente e Alexandria (Egito) até Veneza, de onde eram reexportadas para a Europa Ocidental. (N.T.)
[5]. O deus romano Jano enxergava ao mesmo tempo em direções opostas (um rosto virado para um lado e outro rosto virado para o lado oposto, os dois rostos na mesma cabeça). Isso significa que essa entidade podia rir e chorar ao mesmo tempo. (N.T.)
[6]. Um papagaio pode imitar uma risada, mesmo ao som de música triste. (N.T.)
[7]. Herói grego descrito (com zombarias) no teatro elizabetano como velho, muito sério e taciturno. (N.T.)
[8]. Acreditava-se que os suspiros contribuíam para encurtar a vida de quem suspira. (N.T.)
[9]. No cemitério. (N.T.)
[10]. Como o assunto é delicado, Antônio sente-se constrangido, e a fala tem uma construção frasal complicada. (N.T.)
[11]. Personalidades da história da Roma Antiga, depois também personagens da peça histórica de William Shakespeare, *Júlio César*. (N.T.)
[12]. Conforme a mitologia, Jasão foi o líder de um lendário grupo de heróis gregos (os argonautas, pois tripulavam a nau Argo) através dos mares, em busca do velocino de ouro. (N.T.)
[13]. Os ingleses eram motivo de piada na Europa àquela época, por não terem um estilo próprio no vestir-se, sendo, portanto, “ecléticos”. Um livro de grande sucesso entre os ingleses alfabetizados daquela época foi a tradução de um manual de etiqueta italiano. (N.T.)
[14]. Na mitologia grega, profetisa a quem foi dado viver tantos anos quantos fossem os grãos de areia que ela pudesse segurar na mão. (N.T.)
[15]. A deusa virgem da noite, da lua e da caça. (N.T.)
[16]. Erudito e soldado: um homem preparado, pronto para todas as ocasiões, segundo a concepção renascentista. (N.T.)
[17]. A Bolsa de Mercadorias de Veneza. (N.T.)
[18]. Ironizando. (N.T.)
[19]. Conforme a crença, Jesus exorcizou o demônio de dois loucos, e os espíritos exorcizados entraram numa vara de porcos. (N.T.)
[20]. Os judeus de Veneza faziam empréstimos uns aos outros sem cobrar juros, que eram cobrados apenas de não judeus. (N.T.)
[21]. Rebeca enganou Isaac, seu marido cego, fazendo-o acreditar que o filho Jacó (com as mãos envoltas em pele de cabrito) fosse seu meio-irmão Esaú. Assim, inadvertidamente, Isaac declarou Jacó seu herdeiro, em vez de Esaú, como era sua intenção. (N.T.)

[22]. Os judeus de Veneza eram obrigados a usar um distintivo na forma de um “O” amarelo. (N.T.)
[23]. Para os judeus, os cães eram sinônimo de sujeira, imundície. (N.T.)

SEGUNDO ATO

ATO 2, CENA I [EM BELMONTE]

Fanfarra. Entram o Príncipe do Marrocos, um mouro de pele clara, todo vestido de branco, e três ou quatro acompanhantes com a pele escura e o traje típico dos marroquinos; com Pórcia, Nerissa e seu séquito.

Marrocos – Não me detesteis por minha aparência, esta libré parda[24] do reluzente Sol, de quem sou vizinho e quase parente. Trazei-me o homem mais alvo, nascido em região setentrional, onde o fogo de Febo[25] quase não derrete os pingentes de gelo, e vamos fazer uma incisão, por seu amor motivada, e que se prove assim qual sangue é o mais vermelho, o dele ou o meu. Eu vos digo, senhorita, este meu aspecto já meteu medo nos mais valorosos soldados. Pelo meu amor, eu vos juro: as mais reputadas virgens de nosso clima adoram esta minha figura. Eu não trocaria esta cor de pele, a menos que fosse para roubar vossos pensamentos, minha nobre rainha.

Pórcia – Em termos de escolha, não estou sendo conduzida apenas na direção exigente a que me levam estes meus olhos de donzela. Além do que, a loteria do meu destino me obstrui o direito a uma escolha voluntária. Mas, se meu pai não me tivesse colocado essa restrição, não me tivesse confinado com sua perspicácia a entregar-me em casamento a quem me ganhar pelos meios que lhe expus, então o senhor mesmo, renomado príncipe, seria uma escolha tão clara quanto qualquer outro pretendente em quem já pus os olhos, como candidato à minha afeição.

Marrocos – Por vossa resposta já sou grato. Portanto, peço-vos que me conduzais aos porta-joias, para que eu tente a minha sorte. Por esta cimitarra que matou o xá da Pérsia e também um príncipe persa que venceram três batalhas contra o sultão Solimão, eu queria com a ferocidade do meu olhar vencer os olhos mais duros que há, com minha coragem superar o coração mais intrépido deste mundo, arrancar das tetas da mãe-ursa seus filhotinhos, sim, e zombar do leão quando ele ruge para sua presa, tudo isso eu faria para vos conquistar, senhorita. Mas, ai de mim, se Hércules e Licas apostam nos dados para ver qual dos dois é melhor, a jogada de mais pontos pode sair, por azar, da mão mais fraca. Assim como Alcides, o nosso Hércules, foi derrotado por sua própria raiva, posso eu,

guiado por Fortuna, essa deusa cega, perder aquilo que alguém de menos valor pode conseguir; e posso vir a morrer de desconsolo.

Pórcia – Você terá de aceitar o resultado. Das duas, uma: ou nem tenta escolher, ou jura, antes de escolher, que, se escolher mal, nunca mais irá conversar com moça alguma sobre casamento. Portanto, use de cautela.

Marrocos – Isso também não. Vamos lá, conduza-me à minha sorte.

Pórcia – Primeiro vamos até o templo;[26] depois do almoço, você tenta a sorte.

Marrocos – A sorte, então, fará de mim um homem abençoado… ou o mais amaldiçoado dentre todos!

Toque de cornetas. Saem.

ATO 2, CENA II [EM VENEZA]

Entra Lancelote Gobbo, o Palhaço, sozinho.

Lancelote – Lógico, a minha consciência vai me ajudar a fugir desse judeu, o meu amo. O demônio está aqui no meu cotovelo, me tentando, me dizendo: “Gobbo, Lancelote Gobbo, meu bom Lancelote”, ou então: “Meu bom Gobbo”, ou então: “Meu bom Lancelote Gobbo, pernas pra que te quero, dê a partida, trate de fugir”. Minha consciência diz: “Não, tome tento, honesto Lancelote, tome tento, honesto Gobbo”, ou (como já foi dito antes)… “honesto Lancelote Gobbo: nada de fugir, despreza essa fuga, pega ela e chuta com os teus calcanhares”. Pois bem, o mais encorajador dos demônios está me pedindo para eu fazer a minha trouxa. “Em frente!”, me diz o demônio, “Embora, vamos!”, me diz o demônio. “Perante os céus, toma uma decisão, escolhe a valentia”, me diz o demônio, “e corre.” Bom, a minha consciência, dependurada no pescoço do meu coração, me diz com muita sapiência: “Meu honesto amigo Lancelote, sendo você filho de um homem honesto, ou melhor, filho de uma mulher honesta” (porque, de fato, o meu pai bem que bitocava de cá, apalpava de lá e tinha um certo bom gosto); bom, a minha consciência me diz: “Lancelote, não arredes pé!”. “Mexa-se”, diz o demônio. “Não te mexas daí”, diz a minha consciência. “Consciência”, digo eu, “a senhora me dá bons conselhos.” “Demônio”, digo eu, “o senhor me dá bons conselhos.” Se me deixo guiar por minha consciência, devo ficar com o judeu, meu amo, que… Deus que nos livre!… é uma espécie de demônio. Se escolho fugir do judeu, deixo-me guiar pelo demônio que… se me podem perdoar a expressão… é o diabo

em pessoa. Certo, o judeu é a encarnação do diabo e, na minha consciência, minha consciência não passa de um tipo de consciência insensível, para me oferecer um conselho desses, de ficar com o judeu. O demônio me dá o conselho mais afável: vou fugir, diabo, e os meus calcanhares estão às vossas ordens, pois vou fugir.

Entra o Velho Gobbo com um cesto.

Gobbo – Meu jovem mestre, você, eu lhe peço, diga-me: qual o caminho para a casa do mestre judeu?

Lancelote *[à parte]* – Ah, céus! Este é o meu pai verdadeiro. Cego que nem uma toupeira, como uma verdadeira anta, não me reconhece. Vou tentar confundir o homem: vou fazer uma inexperiência com ele.

Gobbo – Meu jovem mestre, eu lhe peço, diga-me: qual o caminho para a casa do mestre judeu?

Lancelote – O senhor vira à direita na próxima vez que virar, mas na vez seguinte que virar, daí o senhor vira à esquerda. Isso feito, na próxima vez que virar o senhor não vira nem pra esquerda nem pra direita, mas desce indiretamente para a casa do judeu.

Gobbo – Por Deus em Sua santidade, esse é um caminho difícil de se achar! Você sabe me dizer se um tal de Lancelote que trabalha para ele mora com ele, ou não mora mais com ele?

Lancelote – O senhor quer dizer o jovem mestre Lancelote? *[À parte:]* Pois preste muita atenção, que agora vou conjurar um dilúvio dos olhos dele: o senhor quer dizer o jovem mestre Lancelote?

Gobbo – Não é “mestre”, senhor, mas o filho de um pobre. O pai dele, embora seje eu a dizer, é um homem honesto e extremamente pobre. Mas, graças a Deus, tem o bastante para ir levando a vida.

Lancelote – Bom, seja o pai dele o que bem entender, nós estamos falando do jovem mestre Lancelote.

Gobbo – Não, senhor, nada de “mestre”; é simplesmente Lancelote.

Lancelote – Mas, por favor, consequentemente, velho, consequentemente, eu lhe pergunto e peço que me responda: o senhor está falando do jovem mestre Lancelote?

Gobbo – De Lancelote, se for do agrado de sua senhoria.

Lancelote – Consequentemente, mestre Lancelote. Nem me fale de Mestre Lancelote, vovozinho, pois o jovem cavalheiro, de acordo com seu fado e

seu destino e todos esses velhos ditados, as três irmãs e tais que ramos dos estudos, de fato ele faleceu, ou, como o senhor diria em palavras mais simples, está no céu.

Gobbo – Ai, ai, ai, que Deus não permita! O rapaz era o próprio arrimo da minha velhice, a minha bengala.

Lancelote – E eu tenho cara de bordão, ou de pilar de alpendre, e arrimo, e bengala? Não me conhece, papai?

Gobbo – Ai de mim, que dia, não, eu não lhe conheço, jovem cavalheiro, mas eu lhe peço o favor de me dizer se o meu menino… que Deus dê descanso à sua alma!… tá vivo ou morto.

Lancelote – Não me conhece, pai?

Gobbo – Ai de mim, senhor, sou cego igual uma toupeira, não sei quem é o senhor.

Lancelote – Não mesmo, mesmo se tivesse olhos o senhor não ia saber quem eu sou. É sábio o pai que sabe quem é o próprio filho. Bom, meu velho, vou lhe dar notícias do seu filho. *[Ajoelha-se.]* Sua bênção, senhor; a verdade virá à tona; um assassinato não se pode esconder por muito tempo, ao contrário de um filho; mas, no fim, a verdade prevalece.

Gobbo – Eu lhe peço encarecidamente, senhor, levante-se. Tenho certeza que você não é Lancelote, o meu menino.

Lancelote – Eu lhe peço encarecidamente, senhor, vamos deixar de bobagens: sua bênção, meu pai. Eu sou Lancelote, o menininho que o senhor teve, o moço feito que o senhor tem, o filho que é seu assim como era no princípio, agora e sempre.

Gobbo – Não posso acreditar que seje você o meu filho.

Lancelote – Eu não sei no que acreditar; mas eu sou Lancelote, o criado do judeu, e tenho certeza que Margery, a sua mulher, é minha mãe.

Gobbo – O nome dela é Margery, deveras. Tô danado: se tu é o Lancelote, tu é minha carne e meu sangue. Que o Senhor seja louvado, tu já tá de barba e tudo! Tem mais pelo no queixo[27] que Dobbin tem na cola, o cavalo que me puxa a carroça.

Lancelote – Mas então, pelo jeito, a cola do Dobbin está encurtando. Tenho certeza que ele tinha mais pelo na cola do que eu tenho agora na cara da última vez que eu vi o Dobbin.

Gobbo – Senhor do céu, como tu tá mudado! Como é que tu e o teu mestre estão se entendendo? Eu trouxe pra ele um presente. Como é que tu tá se sentindo?

Lancelote – Bem, bem. Mas, de minha parte, já que eu resolvi fugir para largar desta ocupação cansativa não vou descansar enquanto não tiver corrido um bom pedaço de chão. Meu mestre é um arrematado judeu. Dar a ele um presente? Dê a ele uma corda de enforcado! Passo fome a serviço dele; com os seus dedos, o senhor pode contar as minhas costelas.[28] Pai, estou feliz que o senhor veio; dê o seu presente, em meu nome, para o que se chama Mestre Bassânio, que, este sim, veste seus serviçais com lindas librés. Se eu não ficar a serviço dele, vou fugir até os confins deste mundo de Deus. Ah, que feliz coincidência: aí vem o homem! Vamos até ele, pai, pois, se eu continuar a serviço do judeu, sou macaco de circo.

Entra Bassânio com Leonardo e um ou dois acompanhantes.

Bassânio – Sim, você pode fazer assim, mas que seja bem depressa, e que a ceia esteja pronta no máximo às cinco. Veja que estas cartas sejam entregues, mande confeccionar as librés e convide Graciano a vir até os meus aposentos o mais rápido possível.

Sai um de seus criados.

Lancelote – Vamos até ele, pai.

Gobbo – Deus lhe abençoe, sua senhoria!

Bassânio – Deus lhe pague. Desejas alguma coisa comigo?

Gobbo – Este aqui é o meu filho, *sir*, um pobre rapaz…

Lancelote – Não um pobre rapaz, senhor, mas o criado do judeu rico, e ele tem a grave intenção, senhor, como o meu pai pode despecificar…

Gobbo – Ele tem a grave infecção, *sir*, como se diz, de colocar-se a serviço…

Lancelote – Deveras, para resumir o todo, eu estou a serviço do judeu e tenho a intenção, como o meu pai sabe despecificar…

Gobbo – Ele e o mestre dele, se sua senhoria me perdoa a expressão, são muito chegados…

Lancelote – Para ser breve, a verdade mesmo é que o judeu judiou de mim e isso me leva a… com o meu pai sendo, espero eu, um homem muito velho, ele pode trazer frutos para o senhor…

GOBBO – Tenho aqui um prato de pombos que eu gostaria de entregar a sua senhoria, e o meu pedido é…

LANCELOTE – Resumindo bem resumido, o pedido é impertinente a minha pessoa, como sua senhoria vai ficar sabendo por este honesto velhinho, e, embora seja eu quem diga, apesar de velho, e ainda por cima pobre, o meu pai…

BASSÂNIO – Fale um só pelos dois. O que desejam?

LANCELOTE – Ficar a seu serviço, *sir*.

GOBBO – Este é exatamente o depósito da questão, *sir*.

BASSÂNIO – Sei bem quem tu és, e conseguiste o que querias. Teu amo, Shylock, falou comigo ainda hoje, e me recomendou o teu nome, se é que é boa recomendação deixar de servir um judeu rico para acompanhar um cavalheiro tão pobre.

LANCELOTE – O velho provérbio que diz que "a graça de Deus é o suficiente" está muito bem dividido entre o meu amo Shylock e sua senhoria: o senhor tem a graça de Deus, *sir*, e ele tem o suficiente.

BASSÂNIO – Disseste bem; prossegue, pai, com o teu filho; podes te despedir do teu antigo amo, e informa-te sobre como chegar à minha casa. *[Dirigindo-se a um de seus acompanhantes:]* Dê a ele uma libré com mais galões que as dos outros; veja que minhas ordens sejam cumpridas.

LANCELOTE – Pai, vamos entrar. Eu não consigo arrumar serviço, não, eu nunca tenho as palavras direito na minha cabeça. *[Olha para a palma da mão:]* Bem, se algum homem na Itália tem melhor mão do que esta a oferecer para prestar juramento sobre o Livro! … A Fortuna vai sorrir para mim. Ora, bolas, vamos lá! Aqui temos uma linha da vida bem simples, e aqui, um número insignificante de mulheres. Ai de mim, quinze noivas não é nada, e onze viúvas e nove donzelas é uma iniciação modesta para qualquer homem. E, depois, escapar de afogamento três vezes, e correr risco para a minha vida na beirada de uma cama de colchão de plumas,[29] aqui são tudo escapadelas simples. Bem, se a deusa Fortuna é uma mulher, ela é uma boa mulher para este instrumento aqui. Pai, vamos adiante; me despeço do judeu na hora do lusco-fusco.

Saem Lancelote e Gobbo.

BASSÂNIO – Eu lhe peço encarecidamente, meu bom Leonardo, pense sobre isso. Depois de compradas e ordenadamente distribuídas quero você aqui de

volta com toda a pressa, pois estarei oferecendo um banquete esta noite ao mais estimado de todos os meus conhecidos. Agora vá, rápido.

Leonardo – Meus melhores esforços serão empregados para tanto.

Entra Graciano.

Graciano – Onde está o seu amo?

Leonardo – Ali adiante, senhor, caminhando.

Sai.

Graciano – *Signor* Bassânio!

Bassânio – Graciano?

Graciano – Tenho um pedido a lhe fazer.

Bassânio – Já tem a minha permissão.

Graciano – O senhor não pode me negar; preciso ir com o senhor para Belmonte.

Bassânio – Ora, mas então, se você precisa é porque precisa. Mas escuta a ti mesmo, Graciano. Tu estás descontrolado, descortês, e tua voz é atrevida… qualidades que te caem bem, e aos nossos olhos elas não parecem ser faltas graves; mas, onde não te conhecem, ora, em qualquer outro lugar elas se mostram muito livres e frouxas. Por favor, toma uma providência para mitigar com algumas gotas frias de recato esse teu espírito efervescente, para que, através do teu comportamento descontrolado eu não seja mal-interpretado no lugar aonde estou indo e venha a perder todas as minhas esperanças.

Graciano – *Signor* Bassânio, escute-me: se não uso um hábito mais sóbrio, se não falo com maior respeito, e se não uso poucos xingamentos, se não carrego livros de orações nos meus bolsos, se não pareço reservado, e tampouco cubro o olhar com um toque no chapéu enquanto se dão graças, se não suspiro e digo “amém”, se não observo todas as normas da civilidade como um letrado de triste ostentação para agradar a sua avó, então nunca mais confie em mim.

Bassânio – Bem, vamos observar o seu comportamento.

Graciano – Certo, mas esta noite está fora; o senhor não pode me julgar pelo que vai acontecer esta noite.

Bassânio – Não, seria uma pena. Vou lhe pedir, pelo contrário, que você vista a sua alegria mais atrevida, pois temos amigos que vêm justo para se

divertir. Até logo, que agora preciso tratar de uns negócios.

Graciano – E eu preciso encontrar Lorenzo e os outros; mas vamos visitá-lo à hora da ceia.

Saem.

ATO 2, CENA III [EM VENEZA]

Entram Jéssica e Lancelote, o Palhaço.

Jéssica – Que pena que tu vais deixar o meu pai. A nossa casa é um inferno, e tu, um diabinho alegre, estavas sempre roubando da casa o seu gosto de tédio. Mas, passar bem; aí tens um ducado para ti. E, Lancelote, logo mais, na hora da ceia, tu vais ver Lorenzo, que é convidado do teu novo amo. Entrega a ele esta carta, e faz isso em segredo. Então, adeus; não gostaria que o meu pai me enxergasse falando contigo.

Lancelote – *Adieu*; tenho lágrimas na língua, que exibem[30] a minha fala. Lindíssima pagã, dulcíssima judia, ou muito me engano ou um cristão ainda vai dar uma de cafajeste e roubá-la para si. Mas, adeus. Estas lágrimas bobas não são boas para o meu espírito viril. Adeus!

Sai.

Jéssica – Adeus, meu bom Lancelote. Ai de mim, que pecado horrível carrego dentro de mim, sentindo vergonha de ser a filha do meu pai! Mas, embora eu seja filha de seu sangue, não sou filha de sua conduta. Ah, Lorenzo, se tu cumpres a tua promessa, vou dar um fim a esta luta e passo a ser cristã e tua mulher que te adora.

Sai.

ATO 2, CENA IV [EM VENEZA]

Entram Graciano, Lorenzo, Salarino e Solânio.

Lorenzo – Sim, vamos escapulir à hora da ceia, vestir as fantasias na minha casa e voltar uma hora depois.

Graciano – Não nos preparamos bem.

Salarino – Nós ainda não fizemos arranjos sobre quem vai carregar as tochas.

Solânio – Fica ruim, a menos que esteja tudo muito bem organizado. Sou de opinião que o melhor é não levar adiante essa empreitada.

Lorenzo – Não são nem quatro horas. Temos duas horas para nos preparar.

Entra Lancelote com uma carta.

Meu amigo Lancelote! Quais são as novas?

Lancelote – Se o senhor fizer o favor de quebrar o selo, isto aqui aparentemente terá significado.

Lorenzo – Eu conheço esta letra; é uma bela caligrafia e, por minha fé, só não é mais bela que a mão que a escreveu, e esta, mais branca que o papel onde escreveu.

Graciano – Carta de amor, com certeza!

Lancelote – Com sua licença, *sir*.

Lorenzo – Aonde tu vais?

Lancelote – Ora, senhor, vou pedir ao meu antigo amo, o judeu, que venha cear esta noite com o meu novo amo, o cristão.

Lorenzo – Espera aí, toma isto.[31] Diz à gentil Jéssica que não vou deixar de cumprir com o prometido. Fala isso em particular.

Sai Lancelote.

Vamos, cavalheiros. Querem se preparar para a mascarada de hoje à noite? Eu já tenho quem carregue uma das tochas.

Salarino – Sim, está ótimo, eu vou direto tratar disso.

Solânio – Eu também.

Lorenzo – Vocês podem me encontrar, Graciano e eu, na casa de Graciano, daqui a uma hora.

Salarino – Está bem, faremos isso.

Saem Salarino e Solânio.

Graciano – Aquela carta não era da linda Jéssica?

Lorenzo – Acho que preciso te contar tudo. Ela me instruiu sobre como devo tirá-la da casa de seu pai, e quanto ouro e quantas joias ela traz consigo, e que tem um traje de pajem prontinho para fugir. Se algum dia o judeu seu pai for para o céu, terá sido por intervenção de sua gentil filha. E que não ouse o azar interpor-se em seu caminho, pois ela só tropeça diante do argumento de que é a filha de um judeu ímpio. Vamos, vem comigo. Examina isto enquanto caminhas. A linda Jéssica será o meu porta-tochas.

Saem.

ATO 2, CENA V [EM VENEZA]

Entram Shylock, o judeu, e Lancelote, o Palhaço, seu ex-criado.

Shylock – Bem, tu vais ver, os teus olhos vão julgar, a diferença entre o velho Shylock e Bassânio. … Ora, Jéssica! … Tu não vais te empanturrar às custas dele como fizeste comigo. … Ora, Jéssica! … E dormir, e roncar, e rasgar tuas roupas no uso. … Ora, Jéssica, estou dizendo!

Lancelote – Ora, Jéssica!

Shylock – Quem te mandou chamar? Não estou te mandando chamar.

Lancelote – Sua senhoria estava sempre me dizendo que eu não conseguia fazer nada sem receber ordens primeiro.

Entra Jéssica.

Jéssica – O senhor me chamou? O que deseja?

Shylock – Fui convidado para uma ceia, Jéssica. Aqui estão as minhas chaves. Mas por que eu deveria ir? Não fui convidado por amizade, eles só estão me bajulando. Assim mesmo, vou, de puro ódio, para deixar que o cristão pródigo me alimente. Jéssica, minha filha, cuida bem da casa. Detesto a ideia de me afastar. Alguma maldade está sendo preparada contra o meu repouso, pois esta noite passada sonhei com sacas de dinheiro.

Lancelote – Eu lhe peço encarecidamente, senhor, vá; meu jovem amo espera seu desparecimento.[32]

Shylock – E eu, o dele.

Lancelote – E eles conspiraram juntos… não digo que o senhor vá ver uma mascarada; mas, se for o caso, então não foi por nada que o meu nariz começou a sangrar nessa última Segunda-Feira Santa, às seis da manhã, a mesma coisa que aconteceu faz quatro anos, só que numa Quarta-Feira de Cinzas, e de tarde.

Shylock – Mas, o quê, vai ter uma mascarada? Preste bem atenção, Jéssica: tranque as minhas portas e, quando você escutar o tambor e o guincho nojento do pífaro, o músico de pescoço torto soprando, não suba até as esquadrias da janela, nem ponha a cabeça para fora, para ver a rua onde passa todo mundo, que eu não te quero olhando para esses cristãos bobalhões com pinturas envernizadas na frente da cara. Trate de fechar os ouvidos… quero dizer, as janelas, da minha casa, e não deixe entrar na sobriedade da minha casa o barulho da afetação, do superficial. Pelo bordão de Jacó, juro que não tenho cabeça para grandes festanças hoje. Mas eu vou. Pode ir na minha frente, rapazinho. E diz que já vou.

Lancelote – Vou indo na frente, *sir*. *[À parte, dirigindo-se a Jéssica:]* Senhorita, olhe pela janela, apesar de tudo isso.

Um jovem cristão vai aparecer,

E os olhos da cara ele vai valer.

Sai.

Shylock – O que estava dizendo esse palhaço filho de uma escrava,[33] hã?

Jéssica – As palavras dele foram “Passe bem, senhorita”, nada mais.

Shylock – O remendado até que tem bons modos, mas é um enorme glutão, lento como lesma na serventia, e dorme mais que uma coruja de dia. Não quero saber de zangões vindo enxamear minha colmeia; mel, que é bom, nada. Daí que me desfaço dele, e faço dele servo de um que desejo que ele o ajude a desperdiçar seu dinheiro, que é emprestado. Bem, Jéssica, agora entre. Talvez eu volte de imediato. Faça como lhe pedi, tranque as portas assim que entrar. “Rápido atado, logo encontrado”: um provérbio que não envelhece numa mente próspera.

Sai.

Jéssica – Adeus; se a minha sorte não me faltar, perdemos eu, um pai, e o senhor, uma filha.

Sai.

ATO 2, CENA VI [EM VENEZA]

Entram os mascarados Graciano e Salarino.

Graciano – Esta é a laje do último andar, e Lorenzo quer que fiquemos debaixo dela.

Salarino – Já está quase passando da hora.

Graciano – Que surpresa ele se demorar no horário, pois os apaixonados estão sempre correndo à frente do relógio.

Salarino – Ah, dez vezes mais rápido voam as pombas que puxam a carruagem de Vênus quando é para selar contratos de amor recém-ajustados em vez de serem chamados, como de costume, a preservar um afeto já anteriormente empenhado!

Graciano – Isto é sempre uma verdade: quem sai de um banquete com o mesmo apetite de quando chegou? Onde está o cavalo adestrado que retoma

as próprias pegadas com o mesmo vigor que marcou o ritmo de sua monótona coreografia da primeira vez? Todas as coisas que são, elas o são com mais entusiasmo perseguidas que desfrutadas. É como o filho mais novo, ou filho pródigo, que o navio engalanado deixa a baía e faz-se ao mar acariciado, abraçado pelas brisas prostitutas! É como o filho pródigo que ele retorna com as velas rotas, as costelas esfoladas, um esqueleto quase descarnado, cheio de rachaduras, navio reduzido à miséria pelas ventanias prostitutas!

Entra Lorenzo.

Salarino – Aí vem o Lorenzo; depois falamos disso.

Lorenzo – Queridos amigos, agradeço-lhes a paciência com minha longa demora. Não fui eu, e sim os meus assuntos que os fizeram esperar. Quando for do agrado de vocês tomar a si o papel de ladrões de esposas, então ficarei eu esperando por vocês o tempo que for necessário. Aproximem-se… Aqui mora o meu sogro judeu. Olá! Tem alguém aí?

Entra Jéssica (acima), em trajes masculinos.

Jéssica – Quem é o senhor? Diga-me, para eu ter certeza, embora eu possa jurar que conheço a sua voz.

Lorenzo – Lorenzo, o teu amor.

Jéssica – Lorenzo, por certo, e, deveras, o meu amor, pois que outro eu amo tanto? E quem poderia saber, a não ser você, Lorenzo, que sou sua?

Lorenzo – O céu e os teus pensamentos são testemunhas de que tu és minha.

Jéssica – Aqui, pegue este baú, que vale a pena o esforço. Fico feliz que seja noite e você não possa me ver, pois me sinto muito envergonhada de minha transformação. Mas o amor é cego, e os apaixonados não veem as lindas bobagens que cometem; se pudessem vê-las, o Cupido em pessoa estaria vermelho de me ver assim, feito um rapaz.

Lorenzo – Desça, pois você deve ser o meu carregador de tochas.

Jéssica – Será que devo segurar uma vela acesa por meus pecados? A bem da verdade, eles já são muito, por demais aparentes. Ora, a função de um carregador de tochas é iluminar e mostrar, amor, e eu preciso ficar escondida.

Lorenzo – E você está bem escondida, meu bem, mesmo nessa adorável fantasia de rapaz. Mas venha logo, pois a noite sigilosa faz as vezes da rota

de fuga, e nós somos esperados no banquete de Bassânio.

JÉSSICA – Vou trancar as portas, e vou me guarnecer de mais alguns ducados, e já estou indo.

Sai Jéssica (acima).

GRACIANO – Ora, por meu chapéu, uma donzela muito bem-educada; nem parece judia!

LORENZO – Amaldiçoado eu seja, se não a amo de todo o meu coração, pois ela é inteligente, se é que posso julgá-la; e é bela, se é que meus olhos não me traem; e é leal, como ela tem provado ser; e por ser inteligente, bela e leal, tem lugar cativo em minha alma constante.

Entra Jéssica.

Ora, já chegaste? Vamos, cavalheiro,[34] embora! Nossos companheiros de máscaras a estas horas já estão nos esperando.

Sai com Jéssica.

Entra Antônio.

ANTÔNIO – Quem está aí?

GRACIANO – *Signor* Antônio?

ANTÔNIO – Graciano, onde estão os outros? São nove horas, todos os nossos amigos estão esperando por vocês. Nada de mascarada esta noite: o vento mudou, e Bassânio quer embarcar imediatamente. Despachei vinte homens à procura de vocês.

GRACIANO – Fico feliz em saber. Meu desejo não é outro que não a alegria de içar velas e partir ainda esta noite.

Saem.

ATO 2, CENA VII [EM BELMONTE]

Entra Pórcia com o Príncipe do Marrocos, cada um com seu séquito.

PÓRCIA – Em frente, abram as cortinas e mostrem os diferentes porta-joias a este nobre príncipe. Agora, faça a sua escolha.

MARROCOS – Este primeiro é de ouro, e a inscrição diz: “Quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam”. O segundo é de prata, e traz esta promessa: “Quem me escolher terá tudo o que merece”. Este terceiro é de chumbo opaco e pesado, com uma advertência igualmente pesada e

rombuda: “Quem me escolher deverá dar e arriscar tudo o que tem”. Como vou saber se estou escolhendo a caixa certa?

Pórcia – Uma delas traz dentro o meu retrato, príncipe. Se o senhor escolher essa, então o retrato é seu, e eu também.

Marrocos – Que algum deus dirija o meu julgamento! Deixe-me ver; vou examinar mais uma vez as inscrições. O que diz este porta-joias de chumbo? “Quem me escolher deverá dar e arriscar tudo o que tem.” Dar… em troca do quê? De chumbo? Arriscar por chumbo! Este porta-joias é ameaçador: os homens que arriscam tudo fazem-no na esperança de obter grandes vantagens. Uma mente dourada não se rebaixa por amostras de refugo de metal fundido; portanto, não dou nem arrisco nada por chumbo. O que diz a prata com sua tonalidade imaculada? “Quem me escolher terá tudo o que merece.” Tudo o que merece… parai aqui, Marrocos, e pesai o vosso valor com imparcialidade. Se sois avaliado por vossa própria estimativa, mereceis bastante; e, no entanto, bastante pode não ser o suficiente para merecer a dama; e, no entanto, ter receio do meu merecimento seria uma fraqueza, um rebaixamento de mim mesmo. Tudo o que mereço; ora, isso é a dama. Por meu berço, eu a mereço; por minha fortuna, por minhas cativantes qualidades pessoais e pela excelência da educação que recebi. Porém, mais que isso, por amor eu mereço. E se eu não seguisse adiante e ficasse aqui a minha escolha? Vejamos uma vez mais o que diz a gravação em ouro: “Quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam”. Ora, isso é a dama; o mundo inteiro a deseja. Desde os quatro cantos da terra eles vêm para beijar este santuário e sua santa viva. Os temíveis desertos persas da Hircânia e os vastos territórios selvagens da ampla Arábia agora servem de passagem para príncipes que chegam para ver com seus próprios olhos a formosa Pórcia. O reino das águas, cujo ambicioso manancial cospe na face do paraíso, não é impedimento que detenha os corajosos espíritos estrangeiros: eles o atravessam como se atravessassem um córrego para ver com seus próprios olhos a formosa Pórcia. Uma destas três contém o retrato celestial. Será possível que ela está dentro do chumbo? É maldito o pensamento que pensa de modo tão vulgar; seria por demais grosseiro encapsular o sudário dela nesta cova escura. Devo então pensar que ela está emparedada em prata, dez vezes desvalorizada em relação ao ouro puro? Ah, ideia pecaminosa! Jamais pedra tão preciosa foi engastada em metal inferior ao ouro. Na Inglaterra, eles têm uma moeda que traz a figura de um anjo estampada em ouro:

gravada em baixo-relevo. Mas aqui dentro repousa um anjo em cama dourada. Entreguem-me a chave. Escolho este aqui, e prospero como der!

PÓRCIA – Tome a chave, príncipe, e, se a minha figura repousa aí dentro, então sou sua.

Marrocos abre o porta-joias de ouro.

MARROCOS – Ah, inferno! O que temos aqui? Uma caveira, e dentro do orifício de um olho tem um rolo de pergaminho com um escrito. Vou ler:

> "Nem tudo o que reluz é ouro, certo?
> O ditado vale em terras longe e perto.
> Muito homem quis a vida empenhar
> Para, no fim, minha forma contemplar.
> (Sepulcro dourado, vede bem,
> Acolhe nossos vermes também.)
> Se, além de ousado, fôsseis esperto,
> Teríeis mente de ancião e passo certo.
> Vossa escolha deixa a desejar.
> Adeus; convosco Pórcia não vai casar."

Deveras, e o meu esforço foi em vão.
Que venha o inverno; adeus, verão.
Pórcia, adeus; é funda demais minha dor.
Sair é o que resta ao perdedor.

Saem Marrocos e seu séquito.

PÓRCIA – E faça boa viagem! Fechem as cortinas, retirem-se. Que todos os de pele escura como ele façam a mesma escolha!

Saem.
Cornetas soam em fanfarra.

ATO 2, CENA VIII [EM VENEZA]

Entram Salarino e Solânio.

SALARINO – Ora, homem, eu vi Bassânio fazendo-se ao mar, e com ele foi junto Graciano. E, no mesmo navio, estou certo que Lorenzo não está.

SOLÂNIO – O canalha daquele judeu com seus gritos acordou o Doge, que foi com ele procurar pelo navio de Bassânio.

SALARINO – Ele chegou tarde demais, o navio já se fez ao mar. Mas depois o Doge foi informado de que, numa gôndola, foram avistados, juntos,

Lorenzo e sua amorosa Jéssica. Além disso, Antônio assegurou ao Doge que os dois não estavam com Bassânio, não estavam no navio de Bassânio.

Solânio – Nunca vi gritaria nem griteiro tão confuso, tão estranho, tão ultrajante e tão variado. O cachorro daquele judeu dizia pelas ruas: "Minha filha! Ai, os meus ducados! Ai, a minha filha! Fugiu com um cristão! Ai, meus ducados cristãos! Justiça seja feita! Que se cumpra a lei! Meus ducados e minha filha! Uma saca selada, duas sacas seladas de ducados, de ducados venezianos, roubados de mim por minha própria filha! E joias… duas pedras preciosas, duas pedras caras e preciosas, roubadas pela minha filha! Justiça seja feita! Encontrem essa moça! Ela tem as pedras consigo, e os ducados!".

Salarino – Ora, todos os rapazes de Veneza caminham nos calcanhares dele, gritando por suas pedras, sua filha e seus ducados.

Solânio – Nosso bom Antônio que se mantenha longe e quieto, senão ele ainda vai pagar caro por isso.

Salarino – Deveras, e isso me faz lembrar: ontem estive falando com um francês que me disse que nos Mares Estreitos que separam franceses de ingleses naufragou um navio, do nosso país, carregado de riquezas. Logo pensei em Antônio quando o francês me contou isso e em silêncio rezei para que não fosse um dos navios dele.

Solânio – É melhor você contar para Antônio o que ouviu. Mas cuide para não contar de modo abrupto, pois isso pode deixá-lo exasperado.

Salarino – Não há cavalheiro mais cordato neste mundo. Vi quando Bassânio e Antônio despediram-se. Bassânio disse que retornaria com a maior rapidez, ao que o outro respondeu: "Não, nada disso. Não deixe mal-alinhavados os seus negócios por minha causa, Bassânio. Fique por lá até amadurecer a hora de voltar. Quanto àquela promissória minha que está com o judeu, não deixe que ela perturbe os seus planos amorosos. Ponha-se alegre e concentre os seus mais importantes pensamentos em fazer a corte à dama e em todas as belas expressões de amor que lhe venham a ser apropriadas durante sua estadia por lá". E, assim mesmo, o olho inundado de lágrimas, e virando o rosto, estendeu a mão para o outro lado e, com a mais sensível e maravilhosa emoção, apertou a mão de Bassânio, e assim despediram-se.

Solânio – Acho que ele é tudo no mundo para Antônio. Eu lhe peço encarecidamente, vamos procurá-lo e, quem sabe, conseguimos com algum

tipo de diversão dissipar essa melancolia que ele resolveu abraçar.

Salarino – Vamos fazer isso mesmo.

Saem.

ATO 2, CENA IX [EM BELMONTE]

Entram Nerissa e um Serviçal.

Nerissa – Rápido, rápido, por favor, abre logo a cortina. O Príncipe de Aragão já prestou o seu juramento e agora está vindo para fazer sua escolha.

Toque de cornetas.
Entram o Príncipe de Aragão, seu séquito e Pórcia.

Pórcia – Olhe, ali ficam os porta-joias, nobre príncipe. Se o senhor escolher aquele onde estou presa à minha figura, os rituais de nossas núpcias serão celebrados em seguida. Mas, se o senhor fracassar, milorde, o senhor deve partir imediatamente e sem dizer palavra.

Aragão – Por juramento estou na obrigação de observar três coisas: primeiro, jamais revelar a ninguém qual dos porta-joias escolhi; depois, se não escolho o porta-joias certo, jamais cortejar uma donzela na intenção de propor casamento; por último, se eu tenho azar na minha escolha, despedir-me imediatamente de você e partir.

Pórcia – Prestam juramento que inclui essas três injunções todos os que chegam para arriscar a sorte por minha insignificante pessoa.

Aragão – Foi para isso que me preparei. Boa sorte agora, para a esperança do meu coração! Ouro, prata e um vil chumbo. “Quem me escolher deverá dar e arriscar tudo o que tem.” Você deveria ser mais bonito para eu dar ou arriscar. O que diz o porta-joias dourado? Ah, vamos dar uma olhada: “Quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam”. O que muitos homens desejam; esse “muitos” pode estar significando a multidão de tolos que escolhem pelas aparências, que não aprenderam mais do que ensinam seus olhos crédulos, que espiam não o interior, mas que, como a andorinha-de-casa, constrói um ninho exposto às intempéries, nos muros, claramente no caminho e à mercê da destruição. Não escolherei o que muitos homens desejam, porque não vou me precipitar junto com os espíritos medíocres, nem juntar-me às multidões capazes de barbárie. Ora, mas então, a vós, prateada sede do tesouro: dizei-me uma vez mais que título tendes. “Quem me escolher terá tudo o que merece.” Está muito bem dito, pois quem é que vai tentar passar para trás a deusa Fortuna? E quem consegue ser honorável

sem a marca do mérito? Que ninguém tenha a pretensão de portar uma dignidade imerecida. Ah, se apenas as fortunas, os títulos e os cargos públicos não fossem derivados da corrupção! Se apenas a honra fosse angariada sem máculas pelo mérito de quem se diz honrado! Hoje muitos que tiram o chapéu na presença de poderosos manteriam a cabeça coberta. Hoje muitos que comandam seriam comandados! Quantos do baixo campesinato seriam então por peneira separados das verdadeiras sementes da honra; e quanta honra seria então destacada do farelo e da ruína dos tempos para receber um novo verniz! Bem, mas vamos à minha escolha. "Quem me escolher terá tudo o que merece." Vou presumir que mereço. Deem-me a chave desta caixa, e que se escancare já a minha sorte.

Aragão abre o porta-joias de prata.

PÓRCIA – Uma pausa longa demais para o que o senhor aí encontrou.

ARAGÃO – O que temos aqui? O retrato de um idiota dando uma piscadela e oferecendo-me um rolo de pergaminho escrito! Vou ler. Como sois diferente de Pórcia! Como sois diferente de minha esperança e de meu merecimento. "Quem me escolher terá tudo o que merece." Será que não mereço mais do que a cabeça de um palhaço? É esse o meu prêmio? Meus méritos não merecem mais que isto?

PÓRCIA – Errar e julgar um erro são tarefas distintas e de naturezas opostas.

ARAGÃO – O que temos aqui?

Lê.

"Prata: sete vezes o fogo a refinou;
Sete vezes prós e contras ponderou
Quem nos seus julgamentos nunca errou.
Tem quem beije a sua sombra tão somente;
Com estes, só as sombras são clementes.
Com muita prata é costume condecorar
Os muitos tolos que só pensam em brilhar.
Para esposa, pode escolher quem lhe apeteça.
Nos seus ombros você tem a minha cabeça;
Pórcia agora espera que você se despeça."

Ainda mais tolo vou parecer
Se não tratar de desaparecer.
Cheguei com uma cabeça de tolo,
Parto com duas cabeças de bobo.

Querida, adeus. Mantenho o juramento:
Calado, levo o meu ressentimento.

Sai Aragão com seu séquito.

Pórcia – E assim, a vela acesa chamuscou a traça. Ah, esses tolos com falácias[35] em sua lógica! Quando escolhem, têm a sabedoria de perder por sua esperteza.

Nerissa – O velho ditado não é nenhuma heresia: "A forca e a esposa, quem escolhe é o destino".

Pórcia – Vamos, fecha a cortina, Nerissa.

Entra um Mensageiro.

Mensageiro – Onde está *milady*?

Pórcia – Aqui. O que deseja o meu amo e senhor?[36]

Mensageiro – Madame, é chegado aos seus portões um jovem veneziano que vem na frente para anunciar a chegada de seu amo, de quem ele traz saudações concretas, quer dizer, além de cumprimentos e frases cordiais, também presentes de alto valor. Contudo, *milady*, jamais vi tão belo embaixador do amor. Nunca tivemos um dia de primavera tão doce, que nos chegasse para mostrar a proximidade do luxo do verão como nos chega esse arauto de seu senhor.

Pórcia – Por favor, chega! Receio que daqui a pouco tu vás me dizer que ele é um parente teu, já que gastaste um palavrório assim ornamentado para elogiá-lo. Vamos, vamos, Nerissa; quero ver esse mensageiro de Cupido apressado, esse que chega com tanta elegância.

Nerissa – Deus do Amor, se vos agrada a ideia, fazei com que seja Bassânio.

Saem.

---

[24]. Pele escura. (N.T.)
[25]. O Sol. (N.T.)
[26]. Àquela época, juramentos eram feitos diante de um altar. (N.T.)
[27]. O velho Gobbo está sentindo o cabelo na nuca de Lancelote. (N.T.)

[28]. Lancelote coloca a mão em cima das costelas e, com a outra mão, leva os dedos do velho Gobbo a sentir os dedos de sua própria mão no lugar das costelas. (N.T.)
[29]. “Correr risco… na beirada de uma cama…” – Lancelote refere-se ao risco de um homem casado ser traído pela mulher, por melhor que seja o casamento. (N.T.)
[30]. Inibem. (N.T.)
[31]. Uma gratificação em dinheiro. (N.T.)
[32]. Comparecimento. (N.T.)
[33]. Em alusão aos relatos bíblicos: Ismael, um grande debochado, era filho da escrava egípcia Agar com o patriarca Abraão. Mãe e filho, descontentes com suas circunstâncias, ao deixarem a casa de Abraão, foram socialmente marginalizados. Shylock considera o gentio um ser marginalizado. (N.T.)
[34]. Jéssica. (N.T.)
[35]. A primeira premissa de Aragão é verdadeira: Quem merece merece a honra. (Quem merece merece Pórcia.) Contudo, sua segunda premissa não é válida: Eu mereço (Se alguém merece, eu sou [esse] alguém e eu mereço). Daí que a conclusão (Eu mereço Pórcia) não se segue. O raciocínio dedutivo é falho. (N.T.)
[36]. Ainda sonhando com um futuro marido. (N.T.)

TERCEIRO ATO

ATO 3, CENA I [EM VENEZA]

Entram Solânio e Salarino.

Solânio – E então, quais são as novidades no Rialto?

Salarino – Ora, ainda correm por lá as notícias (e ninguém desmente) de que Antônio teve um navio de carga valiosíssima naufragado nos Mares Estreitos; nos bancos de areia de Goodwin, acho que é como chamam o local: um baixio muito perigoso, e fatal, onde estão enterradas as carcaças de muitos navios que eram coisa finória, segundo dizem. Isso se a minha *Lady* Boataria for confiável como uma mulher honesta em suas palavras.

Solânio – Pois minha vontade é que ela fosse tão mentirosa nesse assunto como a mulher que diz que masca gengibre[37] ou faz os vizinhos acreditarem que está chorando a morte do terceiro marido. Mas é verdade, sem cair em prolixidades nem ficar rodeando o assunto com evasivas, que o nosso bom Antônio, o honesto Antônio… Ah, se pelo menos eu tivesse um título bom o suficiente para acompanhar-lhe o nome!

Salarino – Vamos lá, ponha um ponto final na frase.

Solânio – O que queres dizer com isso? Ora, eu estava terminando de dizer que ele perdeu um navio.

Salarino – Meu desejo é que suas perdas parem por aí.

Solânio – Deixe-me logo dizer “amém”, para que nas minhas preces não se atravesse o diabo, pois que aí vem vindo ele, na forma de um judeu.

Entra Shylock.

Mas, então, Shylock, quais são as novas entre os mercadores?

Shylock – Você sabia, ninguém mais que você, ninguém melhor que você, sabia da fuga da minha filha.

Salarino – Com certeza; de minha parte, eu conheço o alfaiate que fabricou as asas que a fizeram voar para longe.

Solânio – E Shylock, de sua parte, sabia que a passarinha estava alada, e é da natureza delas todas abandonar o ninho.

Shylock – Ela está amaldiçoada por ter feito isso.

Salarino – Com certeza… se o diabo for o juiz da questão.

Shylock – Minha própria carne, meu próprio sangue, erguer-se num levante!

Solânio – Espere aí, velhinho, você que mais parece um morto-vivo! Nessa idade? Sua carne e sangue erguendo-se? Levantando?

Shylock – Estou dizendo que minha filha é minha carne e meu sangue.

Salarino – Tem mais diferença entre a sua carne e a dela que entre o azeviche e o marfim; mais diferença entre os sangues de vocês dois que entre um vinho aguado de garrafão e um vinho encorpado do Reno. Mas, diga-nos, você está sabendo se Antônio perdeu algum navio no mar?

Shylock – Pois esse é outra boa bisca: um falido, um mão-aberta que nem mesmo ousa mostrar a cara no Rialto, um mendigo que estava acostumado a aparecer todo janota na Bolsa de Mercadorias. Ele que dê uma olhada na promissória que assinou. Tinha o hábito de me xingar de usurário; ele que dê uma olhada na promissória que assinou. Tinha o hábito de emprestar dinheiro como uma cortesia cristã; ele que dê uma olhada na promissória que assinou.

Salarino – Ora, mas com certeza que, se ele tiver de pagar uma multa, você não vai lhe tirar a carne. De que adiantaria para você a carne dele?

Shylock – Posso usar de isca nas minhas pescarias. Se ela não alimentar nada mais, vai alimentar a minha vingança. Ele me deixou mal, e me impediu de fazer meio milhão, e ria das minhas perdas e zombava dos meus ganhos, menosprezava a minha nação, frustrava os meus negócios, esfriava minhas amizades, atiçava meus inimigos… e que motivo tinha ele para isso? Eu sou um judeu. Judeu não tem olhos? Judeu não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, impulsos, sentimentos? Não se alimenta também de comida, não se machuca com as mesmas armas, não está sujeito às mesmas doenças, não se cura pelos mesmos métodos, não passa frio e não sente calor com o mesmo verão e o mesmo inverno que um cristão? Se vocês nos furam, não sangramos? Se nos fazem cócegas, não rimos? Se nos envenenam, não morremos? E, se vocês nos fazem mal, não devemos nos vingar? Se somos como vocês em todo o resto, vamos ser como vocês nisso. Se um judeu faz mal a um cristão, isso é recebido com humildade? Não, isso pede vingança. Se um cristão faz mal a um judeu, pelo exemplo cristão, qual deve ser a clemência? Ora, vingança. A baixeza que vocês me

ensinam eu vou executar e, se não houver impedimentos, o aluno vai superar seus mestres.

Entra um Serviçal enviado por Antônio.

Serviçal – Cavalheiros, meu amo, *Signor* Antônio, está em casa e deseja falar com ambos os senhores.

Salarino – Estivemos para cima e para baixo procurando por ele.

Entra Tubal.

Solânio – Aí vem mais um da tribo. Um terceiro que chegasse não se poderia comparar a esses dois, a menos que o diabo em pessoa se tivesse convertido e fosse agora judeu.

Saem Salarino e Solânio com o serviçal.

Shylock – E então, Tubal, quais são as notícias de Gênova? Encontraste a minha filha?

Tubal – Seguidas vezes fui a lugares onde tinham ouvido falar dela, mas não consegui encontrá-la.

Shylock – Ora, mas então, então, então, então! Um diamante que se foi com ela me custou dois mil ducados em Frankfurt! A maldição nunca caiu sobre a nossa nação até agora, eu nunca senti essa maldição até agora. Dois mil ducados numa pedra, e outras joias mais, preciosas, preciosíssimas! Queria que minha filha estivesse morta aos meus pés, e as joias em suas orelhas; queria que ela estivesse dentro de um caixão aos meus pés, e os ducados junto, no esquife. Nenhuma notícia deles; por que isso?[38] E nem mesmo sei quanto já se gastou nessa busca. Ora, tu, perda em cima de perda… o ladrão indo embora com tanto, e outro tanto para encontrar o ladrão, e nenhum resultado, nenhuma vingança, e também nenhum azar fatal para tirar dos meus ombros o peso que carregam, nenhum suspiro (só os da minha respiração) e nenhuma lágrima (só as que escorrem no meu rosto)!

Tubal – Mas sim, outros homens também têm azar. Antônio, segundo ouvi em Gênova…

Shylock – O quê, o quê, o quê? Azar, foi? Azar?

Tubal – … está com um navio dos grandes naufragado; depois que saiu de Trípoli.

Shylock – Graças a Deus, graças a Deus! É verdade? É verdade?

Tubal – Eu falei com alguns dos marinheiros que escaparam do naufrágio.

Shylock – Eu te agradeço, meu bom Tubal. Boas notícias, boas notícias! Ha, ha, ouviu em Gênova!

Tubal – A sua filha gastou em Gênova, pelo que me disseram, em uma só noite, quatro vintenas de ducados.

Shylock – Agora cravaste um punhal em mim; nunca mais verei o meu ouro. Quatro vintenas de uma vez só! Quatro vintenas de ducados!

Tubal – Vieram diversos dos credores de Antônio junto comigo para Veneza que juram que ele não tem escolha, senão pedir a falência.

Shylock – Fico muito contente. Vou atormentar Antônio, vou torturar Antônio. Fico feliz com isso.

Tubal – Um deles me mostrou um anel que recebeu de sua filha em pagamento por um macaco.

Shylock – Que vergonha, ela fazer uma coisa dessas! Tu estás me torturando, Tubal: era a minha turquesa, que ganhei da minha Lia quando ainda era solteiro. Eu não me teria separado dela nem por todos os macacos do mundo.

Tubal – Mas é certo que Antônio está arruinado.

Shylock – Sim, isso é verdade, isso é bem verdade. Vai, Tubal, contrata em meu nome um guarda, combina com ele que daqui a uma quinzena Antônio deve ser preso. Terei o coração dele se ele tiver de pagar a multa. Estando ele longe de Veneza, posso negociar como eu bem entender. Vai, Tubal, e depois me encontra em nossa sinagoga. Vai, meu bom Tubal, e depois, na sinagoga, Tubal.

Saem.

ATO 3, CENA II [EM BELMONTE]

Entram Bassânio, Pórcia, Graciano, Nerissa e todos os seus séquitos.

Pórcia – Eu lhe peço encarecidamente que você se hospede conosco, descanse por um ou dois dias antes de arriscar a sorte, pois, se escolher mal, perco sua companhia. Portanto, seja paciente, demore-se um pouco. Alguma coisa me diz (mas não é amor) que não quero perder você; e você sabe muito bem que o ódio não dá conselhos desse quilate. Mas, para que você não me entenda mal… e, no entanto, uma donzela sabe que não deveria expressar seus pensamentos… eu o deteria aqui comigo um mês ou dois antes de você se arriscar por mim. Eu poderia ensiná-lo a escolher

certo, mas então eu estaria quebrando um juramento. E isso eu jamais faria. E assim você pode me perder. Mas, se você me perder, fará de mim uma pecadora, pois desejarei ter quebrado o meu juramento. Detesto esses seus olhos! Porque me enfeitiçaram e me dividiram: uma metade minha é sua, e a outra metade é sua… quero dizer, minha. Mas, se é minha, é sua e, portanto, sou inteira sua. Ah, estes tempos ruins colocam grades entre os donos e seus direitos de posse! Assim, embora sua, também não sua. Se acontecer de você me perder, mande a deusa Fortuna para o inferno, não eu. Falo demais, mas é para tornar o tempo pesado e o relógio mais lento, fazer o tempo render e o relógio demorar, fazer o tempo arrastar-se, com os minutos se alongando, para impedi-lo de fazer a sua escolha.

Bassânio – Deixe-me escolher, pois, assim como estou, vivo no ecúleo.[39]

Pórcia – No ecúleo, Bassânio? Então confesse qual traição existe em você misturada com o seu amor.

Bassânio – Nenhuma, a não ser aquela desfigurada traição da agonia total, que me faz temer as alegrias do amor que sinto. Existe tanta cordialidade e vida entre a neve e o fogo como entre essa traição e o meu amor.

Pórcia – Sim, mas temo que você esteja falando montado no ecúleo, onde qualquer homem é forçado a falar qualquer coisa.

Bassânio – Prometa-me a vida, e eu confesso a verdade.

Pórcia – Pois bem, confesse e viva.

Bassânio – "Confesse e ame" seria o resumo perfeito de minha confissão. Ah, delicioso tormento, quando o meu torturador me ensina as respostas que podem me libertar! Mas, deixe-me ir ao encontro da minha sorte e dos porta-joias.

Pórcia – Vamos, então! Minha figura está trancada em um deles. Se você me ama, vai descobrir onde estou. Nerissa, e também todos os outros, mantenham-se à distância. Toquem música enquanto ele faz sua escolha; assim, se perder, ele pode sair aos poucos, pode ir sumindo no seu canto do cisne.[40] Para que a comparação fique mais adequada, meus olhos serão córrego e aquoso leito de morte para ele. Ele pode acertar, e então qual é a música? Então a música será a mesma fanfarra que temos quando os leais súditos fazem reverência a um recém-coroado monarca. Será música doce como os mais doces sons do amanhecer, que se derramam no ouvido do noivo que sonha, requisitando-o para o casamento. Agora ele vai, com o

mesmo porte de um nobre, mas com muito mais amor do que o jovem Hércules quando este resgatou a virgem[41] entregue como tributo ao monstro marinho por Troia, uma cidade em prantos. Eu estou no papel da donzela sacrificada. Todos os que se mantêm à distância são as esposas de Troia; faces marcadas de tanto chorar, elas vêm à frente para observar o resultado da proeza. Em frente, Hércules! Se tu viveres, eu vivo. Com muito, muito mais apreensão vejo eu a luta do que tu, que estás lutando.

Neste ponto, música.

Uma canção, enquanto Bassânio tece comentários para si mesmo sobre os porta-joias.

Diga-me onde nasce a tal emoção:
Na cabeça, ou será no coração?
De onde nasceu, que comidas comeu?
Você ainda não me respondeu.
Ela é uma coisa engendrada no olhar;
Nutre-se de olhares até acabar
Ali mesmo, no berço onde nasceu.
Toquem os sinos: a emoção morreu!

Todos – Morreu a emoção! Dim, dom, blim, blim, blão.
Morreu a emoção! Dim, dom, blim, blim, blão.

Bassânio – Então, a aparência externa pode ser o menos importante. O mundo sempre se deixa enganar pela ornamentação. Na justiça, por mais defeituoso e corrupto que seja um caso, ele não pode sempre ser temperado por uma voz bem-empostada que venha obscurecer a mais clara maldade? Na religião, por mais maldito o pecado, um semblante sério não pode abençoá-lo (e mais, confirmá-lo) com um texto, escondendo o erro mais crasso com belos adornos? Não há maldade tão simplória que não ostente alguma marca de bondade em suas partes mais externas. Quantos covardes, corações falsos como um cordame de areia, não usam na cara as barbas de Hércules e do carrancudo Marte?[42] Por dentro, eles têm o fígado[43] branco como leite; por fora, a barba cerrada, para torná-los temíveis. Contemple a beleza e você verá que ela pode ser comprada; vale quanto pesa. Isso forja um milagre na natureza, pois torna mais leves os que mais usam e abusam da beleza comprada. Assim são aqueles cachos de cabelo dourado, encaracolado, enroladinho, que dão cambalhotas levianas ao vento

em cima de uma suposta formosura, que em geral sabe-se ser herança de uma segunda cabeça: o crânio que os criou, agora caveira em cova. O ornamento não é mais que a praia traiçoeira descortinando um mar devorador; é o lindo lenço que cobre uma beleza indiana.[44] Em resumo, esta é a aparente verdade que estes nossos dias ardilosos apresentam para ludibriar os mais sábios. Portanto, vós, ouro vistoso, alimento do rei Midas, não quero saber de vós; nem de vós, pálido e vil metal que se molda conforme a ocasião, que passa de mão em mão. Mas vós, vós, pobre chumbo que aqui está como ameaça e nada promete, vossa característica incolor mexe comigo mais que a eloquência. Minha escolha é esta. Que seja alegria a consequência.

PÓRCIA *[à parte]* – Como se dissipam no ar todos os outros martírios: os pensamentos duvidosos, e o desespero que acolhi precipitadamente, e o medo estremecedor, e a inveja com seus olhos verdes! Ah, amor, modera-te, suaviza o teu êxtase, mostra comedimento quando fizeres chover tua alegria, escasseia este excesso! Sinto até a medula a tua bênção; menos, menos, pois tenho medo de engasgar.

Bassânio abre o porta-joias de chumbo.

BASSÂNIO – E o que descubro? Uma cópia da formosa Pórcia! Que semideus chegou tão perto da criação? Esses olhos se movimentam? Ou será que, ao fixar os meus, eles parecem estar se movimentando? Aqui temos lábios separados pelo mais doce hálito, como deve ser: parceiros tão doces deixando-se separar por doce barreira. Aqui, no cabelo, o pintor toma a si o papel da aranha e tece uma rede dourada para capturar os corações masculinos com mais força que as teias têm para prender moscas. Mas, e os olhos dela… como pôde o pintor concentrar-se neles? Tendo pintado um, a mim me parece que este um teria tido o poder de roubar dele os seus dois, deixando-se, na pintura, a si mesmo desacompanhado. E, no entanto, olhem a que ponto a substância dos meus elogios prejudica esta cópia, posto que não a estou valorizando devidamente; da mesma maneira, esta cópia do real não consegue mais que mancar, posto que tenta correr atrás da substância. Eis aqui o rolo de pergaminho que contém o resumo da minha sorte.

Lê.

> “Tu, que escolhes não pela fachada;
> Tu, que crês na tua boa sorte:
> Dá tua busca já por encerrada,

Pois tua fé no verdadeiro é forte.
Se quiseres tua sorte abençoar,
E se assim ficar do teu agrado,
Vira-te pra onde tua noiva está
E vai, dá-lhe um beijo enamorado.”

Que simpático! Com licença, meu bem:
Pelo escrito, dou, mas recebo também.
Como alguém que um belo prêmio disputou
E acha que aos olhos do público superou-se,
Ouço aplausos e gritaria geral,
Mas minha incredulidade é visceral.
Elogios estrondosos! São meus, ou não?
Eu me sinto... assim... tonto de emoção.
Se você, três vezes formosa, assinar
E confirmar, então posso acreditar.

PÓRCIA – Você está me vendo, Lorde Bassânio, bem aqui onde estou, bem assim como eu sou. Embora eu, por mim mesma, não quisesse ser ambiciosa em meus desejos a ponto de desejar ser melhor do que sou, assim mesmo, por você eu seria em triplo vinte vezes mais do que sou, mil vezes mais bonita, dez mil vezes mais rica, isso apenas para você me ter em alta conta, de modo que eu pudesse exceder em virtude, em beleza, em bens materiais, em amizades, sua estimativa. Mas a soma total de mim é a soma de alguma coisa; em seu valor bruto, é uma moça sem estudo, sem escola, sem vivência; nisto ela é feliz, pois não é velha demais para aprender; mais feliz ainda porque não nasceu tão obtusa que não possa aprender; e felicíssima, acima de tudo, porque o seu espírito gentil compromete-se com o seu, Lorde Bassânio, para que você o guie como esposo, governante, rei. O meu próprio eu, e o que é meu, converte-se agora para você e para o que é seu. Ainda agora era eu o dono desta linda mansão, o amo de meus serviçais, rainha de mim mesma; e agora mesmo, neste momento, esta casa, essa criadagem, e esta mesma que sou eu, são seus, meu senhor. Tudo eu lhe dou juntamente com este anel; quando você dele se separar, ou perder, ou der para alguém, que isso seja o presságio da ruína do seu amor por mim, e terei nas mãos oportunidade de denunciá-lo, meu senhor.

BASSÂNIO – Madame, você agora me despojou de todas as palavras. Apenas o meu sangue fala com você em minhas veias, e é tamanha a confusão de

minhas faculdades mentais… como depois do discurso bem proferido de um príncipe amado de seu povo… a confusão que emerge no burburinho da multidão satisfeita, onde cada palavra vai se aglutinando às outras e resulta um zumbido desordenado de palavra nenhuma, mas cheio de uma alegria que se expressa e que não se expressa. Mas, quando este anel sair deste meu dedo, é porque a vida terá se esvaído daqui. Então, tenha a coragem de proclamar: “Bassânio está morto”.

Nerissa – Meu lorde e minha *lady*, este é o momento em que nós, que estávamos de espectadores, esperando vossos desejos serem atendidos, podemos finalmente gritar: “Muitas felicidades”. Muitas felicidades, meu lorde e minha *lady*!

Graciano – Meu Lorde Bassânio e minha gentil dama, desejo aos dois toda a felicidade que vocês podem desejar, pois com certeza não vão desejar nada contrário à minha felicidade. E quando suas senhorias decidirem tornar solene o contrato de seus afetos, eu lhes peço permissão para casar também, no mesmo dia.

Bassânio – Permissão dada, do fundo do meu coração, desde que arranjes uma noiva para ti.

Graciano – Nisso eu agradeço a sua senhoria, pois foi quem me arranjou uma. Meus olhos, milorde, podem enxergar com a mesma rapidez que os seus; você enxergou essa *lady*, e eu observei sua dama de companhia. Você se apaixonou, e eu me apaixonei, pois perder tempo, assim como para você, também para mim não é interessante. A sua sorte dependia daqueles porta-joias, e a minha sorte, como veio a acontecer, também. Depois de muito suar fazendo a corte aqui, e de fazer juras de amor até deixar seco o céu da boca, finalmente… se ela não mente… arranquei uma promessa aqui desta linda donzela: seu amor seria meu, desde que a sua sorte, senhor, lhe garantisse a sua *lady*.

Pórcia – É verdade, Nerissa?

Nerissa – É, sim, madame, desde que seja do seu agrado.

Bassânio – E você, Graciano, está agindo de boa-fé?

Graciano – Por minha fé, milorde, sim.

Bassânio – Será uma honra para nossa festa de casamento contar com o casamento de vocês.

Graciano – Vamos apostar com eles mil ducados para ver quem vai ter primeiro um filho varão.

Nerissa – Mas, como, um valor assim tão… flácido?

Graciano – Não interessa o valor; não tem como ser flácido e ainda assim ganhar a aposta. Mas, quem vem aí? Lorenzo e sua judia! E também o meu velho amigo de Veneza, Salério!

Entram Lorenzo, Jéssica e Salério, um mensageiro de Veneza.

Bassânio – Lorenzo e Salério, sejam bem-vindos… se é que minha novíssima condição aqui já me dá o direito de desejar-lhes as boas-vindas! Com sua licença, minha doce Pórcia, dou as boas-vindas aos meus fiéis amigos e compatriotas.

Pórcia – E eu também, milorde. Eles são mais que bem-vindos.

Lorenzo – Fico grato a sua senhoria. De minha parte, milorde, meu objetivo não era vir até aqui para encontrá-lo, mas, ao me encontrar com Salério por acaso, ele tanto fez que me convenceu, e não tive como negar-me, a acompanhá-lo até aqui.

Salério – É verdade, milorde. E tenho motivos para tanto. *[Entregando uma carta:]* O *Signor* Antônio manda lembranças.

Bassânio – Antes de abrir a carta de Antônio, peço-lhe que me diga como vai o meu bom amigo.

Salério – Não está doente, milorde, a menos que seja da cabeça; tampouco está bem, a menos de sua força moral. Essa carta mostra em que estado seu amigo está.

Bassânio abre a carta.

Graciano – Nerissa, saúde essa estrangeira, dê-lhe as boas-vindas. Sua mão, Salério; que notícias nos traz de Veneza? Como tem passado o supremo mercador, o bom Antônio? Sei que ele vai ficar feliz com o nosso sucesso. Somos os Jasões: conquistamos o velocino de ouro. Estamos no comando de nossas naus!

Salério – Melhor seria se estivessem no comando das naus do *Signor* Antônio; quem sabe assim ele não as teria perdido!

Pórcia – Aquele papel traz algum conteúdo doloroso, que rouba a cor das faces de Bassânio. Algum amigo muito querido morreu, pois não há outra coisa no mundo que pudesse operar transformação tamanha a ponto de transtornar homem constante como ele. Mas, o quê? Cada vez pior? Com

licença, Bassânio. Sou metade você, e preciso ter por inteiro metade de tudo que essa carta vem informar.

Bassânio – Ah, querida Pórcia, aqui temos algumas das palavras mais abomináveis que já mancharam um papel. Gentil senhorita, quando declarei meu amor por você, contei-lhe que minha fortuna estava por inteiro correndo em minhas veias: sou um cavalheiro da nobreza. E nisso fui honesto; no entanto, minha doce senhorita, colocando meu valor em zero, você agora vai saber o quanto eu estava me gabando sem razão. Quando lhe disse que não tenho nada de meu, devia ter lhe contado que minha situação é pior que não ter nada de meu, pois, na verdade, comprometi-me com um amigo que me é muito caro, e comprometi esse meu amigo com o seu pior inimigo para conseguir fundos para esta minha viagem. Eis aqui uma carta, senhorita, e o papel é o corpo do meu amigo, e cada palavra escrita é uma ferida aberta, escorrendo o sangue da vida. Mas é verdade, Salério? Todos os empreendimentos de risco de Antônio fracassaram? É isso mesmo, nenhum vingou? As naus saídas de Trípoli, do México e da Inglaterra, de Lisboa, do norte da África e da Índia, nenhuma escapou de colisão horrorosa com os rochedos que fazem a ruína dos mercadores?

Salério – Nenhuma, milorde. Além disso, parece que, mesmo se ele tivesse o dinheiro com que pagar o judeu, o judeu não aceitaria. Jamais conheci criatura que, na forma de um homem, fosse tão feroz e voraz em destruir um homem. Ele importuna o Doge dia e noite, e diz que desacredita da seriedade do governo se lhe for negada justiça. Vinte mercadores, o Doge em pessoa, e os mais eminentes dentre os Magníficos Lordes de Veneza, todos argumentaram com ele, mas nenhum consegue dissuadi-lo de seu maldoso pedido de que seja paga a multa, de que seja feita a justiça, de que seja honrada a sua nota promissória.

Jéssica – Quando estive com ele, ouvi ele jurar a Tubal e a Chus, seus compatriotas, que preferia ter a carne de Antônio do que vinte vezes o valor do todo que lhe deviam. E eu sei, milorde: se a justiça, as autoridades e o governo não forem contra, o pobre Antônio vai padecer.

Pórcia – É o seu melhor amigo quem está assim em dificuldades?

Bassânio – Meu melhor amigo, o homem mais generoso que há, uma alma gentil, um espírito incansável em ser prestimoso; cidadão mais impregnado da antiga honra romana que qualquer um que hoje respira o ar da Itália.

Pórcia – Que soma deve ele ao judeu?

Bassânio – Por minha causa, três mil ducados.

Pórcia – Ora, só isso? Pague a ele seis mil e resgate e rasgue a promissória. Duas vezes seis mil, e depois triplique esse último valor, mas não se pode deixar que um amigo assim descrito perca um único fio de cabelo por causa de Bassânio. Primeiro, venha comigo até a igreja e passe a me chamar de esposa, e depois, vá para Veneza, ao encontro do seu amigo! Você jamais terá de deitar ao lado de Pórcia com a alma inquieta. Você terá o ouro de que precisa para pagar essa pequena dívida vinte vezes. Quando estiver paga, traga consigo o seu leal amigo. Minha dama de companhia, Nerissa, e eu, nesse meio-tempo, viveremos como donzelas e viúvas. Agora vá, pois você precisa partir no dia do seu casamento. Dê as boas-vindas aos seus amigos, mostre um sorriso. Já que você me custou muito, vou te amar muito. Mas leia para mim a carta do seu amigo.

Bassânio [*lendo*] – "Querido Bassânio, todos os meus navios naufragaram, meus credores ficam cada vez mais cruéis, meus bens materiais agora são escassos. Minha promissória com o judeu está vencida e, uma vez que, para pagá-la, me é impossível continuar vivo, todas as dívidas entre mim e você estarão quitadas se eu puder vê-lo antes de morrer. Contudo, siga o seu coração: se o seu amor por mim não persuadi-lo a voltar, esta carta não está pedindo que você volte."

Pórcia – Ah, amor! Dê despacho a todos os seus assuntos aqui e vá embora.

Bassânio – Já que tenho a sua generosa licença para partir, vou me apressar. Mas, até que eu volte, não haverá cama culpada de retardar minha volta, nem descanso algum vai se colocar entre nós dois.

Saem.

ATO 3, CENA III [EM VENEZA]

Entram Shylock, o judeu, e Solânio, e Antônio, e o Carcereiro.

Shylock – Carcereiro, cuida bem dele. E não me venhas falar de misericórdia. Esse é o bobalhão que empresta dinheiro sem cobrar juros. Carcereiro, cuida bem dele.

Antônio – Ouça-me uma vez mais, meu bom Shylock…

Shylock – Vou cobrar a minha promissória, não penses em falar contra a promissória. Fiz uma promessa: vou ter o que me confere a minha promissória. Tu me chamaste de cachorro sem ter motivo algum para tanto.

Então, já que sou cachorro, cuidado com as minhas presas. O Doge vai me garantir justiça. Fico me perguntando… hein, carcereiro? Seu imprestável… se tu és tão apalermado que, se ele pede, tu sais com ele para pegar ar fresco.

Antônio – Eu te peço, escuta o que eu tenho a dizer.

Shylock – Vou cobrar a minha promissória. Não vou escutar o que tens a dizer. Vou cobrar minha promissória; portanto, chega de falar. Ninguém vai fazer de mim um otário, um frouxo, para balançar a cabeça, amolecer, suspirar e ceder a intercessores cristãos. Nem penses em me seguir! Não quero saber de conversa, eu quero é que se cumpra a minha promissória!

Sai.

Solânio – Esse é o mais impermeável cachorro que já fez companhia aos homens.

Antônio – Deixe-o em paz. Não vou mais incomodá-lo com súplicas inúteis. Ele quer que eu pague com a vida, e eu sei bem por que razão: muitas vezes livrei das multas dele muitos que vez ou outra vinham se queixar comigo; portanto, ele me tem ódio.

Solânio – Tenho certeza que o Doge não vai jamais permitir que essa multa seja cobrada.

Antônio – O Doge não pode impedir o cumprimento da lei; porque existem os benefícios de que gozam os estrangeiros conosco aqui em Veneza; uma vez não se cumprindo a lei, cai em descrédito a justiça no nosso Estado; uma vez que o comércio e os lucros da cidade acolhem igualmente todas as nações. Agora vá. Essas dores e essas perdas me abateram tanto, emagreci tanto, que mal vou ter uma libra de carne amanhã para o meu sanguinário credor. Embora, carcereiro, vamos. Queira Deus que Bassânio chegue a tempo de me ver pagando a dívida dele; é só isso que importa.

Saem.

ATO 3, CENA IV [EM BELMONTE]

Entram Pórcia, Nerissa, Lorenzo, Jéssica e Baltasar, um criado de Pórcia.

Lorenzo – Madame, embora eu diga isto em sua presença, a senhora tem um entendimento nobre e verdadeiro das divinas amizades masculinas, que se mostra com mais força ainda neste momento em que a senhora tem de suportar a ausência de seu marido. Mas, se a senhora soubesse a quem está honrando com sua atitude, quão leal o cavalheiro a quem a senhora enviou

ajuda, quão preciosa a amizade que ele tem por meu amo e seu esposo, sei que a senhora ficaria mais orgulhosa desta tarefa em comparação a outros atos de sua costumeira benevolência.

PÓRCIA – Jamais me arrependi de fazer o bem, e não vou me arrepender agora, pois amigos que se encontram para conversar e passar algum tempo juntos, cujas almas dividem de modo parelho o peso do jugo do amor, nelas deve haver necessariamente uma mesma proporcionalidade de porte, de maneiras, de espírito, o que me faz pensar que esse Antônio, por ser o amigo do peito do meu marido, deve ser muito parecido com o meu marido. Se é assim, bem pequeno é o custo de minha doação, quando liberto de um estado de infernal crueldade esse gêmeo daquele que carrego na alma. Isso chega bem perto de elogiar-me a mim mesma, então basta; mudemos de assunto. Lorenzo, estou colocando em suas mãos a administração e a segurança da minha casa até o retorno de meu marido. De minha parte, fiz um juramento secreto e silencioso com os céus: viver de preces e contemplação, acompanhada tão somente por Nerissa aqui, até que o esposo dela e o meu senhor regressem. Tem um monastério a duas milhas daqui, onde vamos nos hospedar. Meu desejo é que você não se recuse a atender a esta imposição que agora fazem sobre você o meu amor e algumas circunstâncias de grande necessidade.

LORENZO – Madame, saiba que, do fundo do coração, obedecerei a todos os seus comandos.

PÓRCIA – Todos da casa estão sabendo de minha decisão, e aceitam ter você no lugar de Lorde Bassânio e Jéssica no meu lugar. Então, passe bem, e até a volta.

LORENZO – Que os bons pensamentos e as horas felizes a acompanhem.

JÉSSICA – Desejo a sua senhoria muita paz no coração.

PÓRCIA – Agradeço os votos dos dois, e desejo o mesmo para vocês. Passe bem, Jéssica.

Saem Jéssica e Lorenzo.

Agora, Baltasar… Sempre te achei leal e honesto, e hoje continuo achando o mesmo: pega esta carta e usa todo esforço humanamente possível para chegares a Pádua o mais depressa. Vê que tu entregas a carta nas mãos de meu primo, Doutor Bellário. E, cuidado: todas as anotações e as roupas que ele te entregar, traz para mim, eu te peço; com a pressa que podes bem

imaginar, faz o trajeto até a balsa pública que vai para Veneza. Não percas tempo com palavras, e trata de partir. Chegarei lá antes de ti.

Baltasar – Madame, estou indo, na maior pressa possível.

Sai.

Pórcia – Vamos, Nerissa. Tenho trabalho a fazer, do qual você não está sabendo. Vamos ver nossos maridos antes que eles se lembrem de nós.

Nerissa – E eles, vão nos ver?

Pórcia – Sim, Nerissa, mas em trajes tais que vão pensar que somos seres equipados com aquilo[45] que nos falta. Aposto o que quiseres como, quando estivermos as duas na indumentária de dois rapazes, serei o mais bonito dos dois, e vou saber carregar meu punhal com mais elegância e bravura, e vou saber falar com uma voz de flauta de cana, no meio da mudança de menino para homem, e vou saber transformar dois passinhos afetados em uma única passada viril. Vou falar de brigas a socos como um perfeito rapazola metido a gabar-se de seus feitos; e vou contar mentiras engenhosas de como honradas damas estão querendo o meu amor, e como, ao me negar, elas adoecem e definham… mas, o que posso fazer? Depois eu me arrependo e meu desejo era que eu não as tivesse matado de amor. E vinte dessas mentiras mixurucas vou contar, tanto que os homens vão jurar que larguei a escola faz uns doze meses. Trago aqui na cabeça mil piadas ingênuas desses gargantas metidos a grande coisa, e que eu vou praticar.

Nerissa – Se vamos virar homem… os nossos belos cabelos, os nossos lindos vestidos… nós vamos dar?

Pórcia – Que vergonha, Nerissa! Que pergunta, essa tua! Imagina se fosse dita na frente de um ouvinte malicioso! Vamos, eu vou te contar todo o meu estratagema quando estiver na carruagem fechada, que nos espera nos portões. Portanto, te apressa, que precisamos viajar vinte milhas ainda hoje.

Saem.

ATO 3, CENA V [EM BELMONTE.]

Entram Lancelote, o Palhaço, e Jéssica.

Lancelote – Sim, realmente, pois, veja bem, os pecados do pai vão recair sobre os filhos. Portanto, eu lhe juro que tenho medo por sua pessoa. Sempre fui verdadeiro consigo, e por isso agora falo do que andei agitando[46] sobre esse assunto. Por isso, alegre-se, pois, realmente, penso

que a senhora está a caminho da danação.[47] Existe uma só esperança nisso que pode lhe fazer bem, e no fim tampouco não é de qualquer jeito um tipo de esperança bastarda.

Jéssica – E eu te pergunto: que esperança é essa?

Lancelote – Arre! A senhora pode em parte esperar que o seu pai não seja ele, que a senhora não seja a filha do judeu.

Jéssica – Seria um tipo de esperança bastarda, deveras. Mas então os pecados de minha mãe é que devem recair sobre mim.

Lancelote – Realmente, e então a senhora está condenada tanto por pai como por mãe; assim, quando evito o monstro Cila seu pai, entro de cabeça no remoinho da voragem de Caríbdis sua mãe.[48] Bom, você está arruinada de ambos os lados.

Jéssica – Serei salva por meu marido; ele fez de mim uma cristã.

Lancelote – Realmente, a culpa é toda dele. Nós éramos cristãos em número suficiente antes, direitinho tantos quantos podiam conviver bem uns dos outros. Esses cristãos feitos de encomenda vão fazer subir o preço dos suínos; se criarmos todo mundo para serem comedores de carne de porco, logo, logo não poderemos comprar nem toicinho.

Entra Lorenzo.

Jéssica – Vou contar ao meu marido, Lancelote, o que você acaba de me dizer; aí vem ele.

Lorenzo – Vou ter que ficar com ciúmes de você daqui a pouco, Lancelote, se você vai ficar por aí com minha mulher a todo minuto.

Jéssica – Não, você não tem nada a recear de nós, Lorenzo. Lancelote e eu estamos de relações cortadas. Ele me disse do modo mais direto possível que não há misericórdia para mim no paraíso, porque sou filha de um judeu; e que você, me disse ele, não é um bom cidadão, pois, ao converter judeus ao cristianismo, está elevando o preço da carne de porco.

Lorenzo – Resposta a isso darei diretamente à nação, e melhor do que você pode responder por uma barriga de negra: a escrava moura[49] está prenha de você, Lancelote.

Lancelote – Já é muito a moura estar maior do que devia; mas se ela é menos que uma mulher honesta, ela é realmente mais do que imaginei que fosse.

Lorenzo – É espantoso ver como qualquer bobo sabe montar um jogo de palavras! Acho que o maior dom da esperteza logo, logo vai ser ficar em silêncio, e o discurso vai passar a ser recomendável apenas em papagaios. Pode entrar agora, sujeitinho; manda que se preparem todos para o jantar.

Lancelote – Isso já está feito, *sir*; todos têm estômagos.

Lorenzo – Deus de misericórdia, que metido a espertalhão que você é, não? Então mande que preparem a mesa.

Lancelote – Isso também já está feito, *sir*; só falta botar ela no lugar. Então a palavra aqui é "virar".

Lorenzo – Então o senhor está pensando em virar a mesa, hã?

Lancelote – Nem pensar, *sir*; eu sei qual é o meu lugar com a mesa assim mesmo no lugar que ela está.

Lorenzo – E, mais uma vez, ele agarra a ocasião e pega as palavras e lhes inverte o sentido! Será que tu não vais exibir toda a riqueza dessa tua esperteza num único instante? Eu te peço que entendas um homem simples com suas frases simples e diretas: vai até os teus colegas, pede a eles que preparem a mesa, que sirvam a carne, que nós já vamos entrar para jantar.

Lancelote – Quanto à mesa, *sir*, estará servida; quanto à carne, *sir*, estará preparada; quanto a entrarem para jantar, *sir*, ora, que os guiem a vontade e as pernas de cada um.

Sai.

Lorenzo – Ah, quanto refinamento! Como ele faz as palavras se encaixarem no assunto em pauta! Esse bobo tem de prontidão na memória um exército de boas palavras. E eu conheço vários bobos que estão em cargos mais altos que ele, paramentados como ele, que, loucos para empregar uma palavra ambígua, recusam-se a usar frases coerentes. Está tudo bem contigo, Jéssica? Estás mais alegrinha?[50] Agora, minha doce querida, tua opinião: o que achaste da mulher de Lorde Bassânio?

Jéssica – Além de tudo que se pudesse esperar. Me parece que chega em boa hora esta chance de Lorde Bassânio aprumar-se na vida, pois, ao ser tão abençoado com essa dama, ele pode encontrar as alegrias do paraíso aqui na terra e, se na terra ele não fizer por merecê-la, ele não merece ascender ao paraíso. Ora, se dois deuses estivessem apostando duas mulheres aqui da terra, uma sendo Pórcia, faz-se necessário um algo a mais para

complementar a outra, para que a aposta seja parelha, pois, aqui neste pobre, rude mundo, ela não tem igual.

Lorenzo – E tu tens em mim um marido também sem igual.

Jéssica – Pergunte agora qual a minha opinião sobre isso.

Lorenzo – Vou perguntar em breve; primeiro, vamos jantar.

Jéssica – Deixe que eu o elogie agora, enquanto tenho estômago para tanto.

Lorenzo – Não, eu te peço, vamos conversar sobre isso durante o jantar, porque então, seja lá o que você disser, eu vou conseguir digerir.

Jéssica – Pois muito bem: eu vou lhe servir um prato cheio.

Saem.

---

[37]. Era um costume ultrapassado, das mulheres de gerações anteriores. (N.T.)
[38]. Segundo Mahood, editor da publicação desta peça na coleção "The New Cambridge Shakespeare" (2003), aqui neste ponto ("por que isso"), o ator tem a opção de tornar a frase uma exclamação, uma verdadeira pergunta ou ainda uma ponderação. (N.T.)
[39]. Instrumento de tortura: uma estrutura retangular de madeira, com cordas e correntes e rolos, estes também de madeira, em cima dos quais era deitada a vítima, para que seu corpo fosse gradualmente estirado – mãos de um lado, pés de outro, podendo chegar ao deslocamento das articulações. (N.T.)
[40]. Desde a Antiguidade, acreditava-se que o cisne canta uma melodia específica na hora da morte. (N.T.)
[41]. Por uma recompensa, Hércules resgatou do monstro marinho a filha do rei de Troia. (N.T.)
[42]. Deus da guerra. (N.T.)
[43]. Acreditava-se que o fígado fosse o órgão sede da coragem. (N.T.)
[44]. Na Inglaterra elizabetana, a beleza estava diretamente relacionada à pele clara. As indianas, mulheres de pele escura, por definição, eram feias. (N.T.)
[45]. Pênis e testículos. (N.T.)
[46]. Cogitando. (N.T.)
[47]. Salvação. (N.T.)
[48]. Cila e Caríbdis são personagens da *Odisseia*, de Homero. Caríbdis, monstro marinho, produzia turbilhões que tragavam os navios, pois sorvia o mar para depois cuspi-lo de volta. Cila é um monstro de seis cabeças de longos pescoços, e assim podia engolir seis marinheiros de cada navio que passasse. Os dois monstros moravam de frente um para o outro, em cavernas, no estreito de Messina. (N.T.)
[49]. Um presente do Príncipe do Marrocos para a casa de Pórcia. (N.T.)
[50]. Segundo Mahood, estas duas perguntas atenciosas e carinhosas podem ser deixa para um beijo entre os dois. (N.T.)

QUARTO ATO

ATO 4, CENA I [EM VENEZA]

Entram o Doge, os Magníficos Lordes de Veneza, Antônio, Bassânio, Salério e Graciano, com outros.

Doge – Antônio está presente?

Antônio – Presente e pronto, se for do agrado de Sua Graça.

Doge – Eu muito lamento por ti. Vieste para defender-te diante de um adversário duro como pedra, uma criatura desumana, incapaz de compaixão, vazio e esvaziado de todo e qualquer vestígio de misericórdia.

Antônio – Ouvi dizer que Sua Graça não mediu esforços na tentativa de abrandar a rígida decisão de Shylock. Mas, já que ele se mantém obstinado e não há meios legais que me ponham a salvo da extensão de sua maldade, é com minha paciência que venho me defender de sua fúria; estou preparado para submeter-me com paz de espírito à crueldade e à ira do espírito dele.

Doge – Alguém vá e chame o judeu a este tribunal.

Salério – Ele já está à porta, pronto para entrar. Aí vem ele, milorde.

Entra Shylock.

Doge – Abram espaço, deixem-no chegar diante de nós. Shylock, o mundo inteiro pensa, e eu também penso, que tu só vais levar essa modalidade de teu ódio até o último minuto desta encenação, e então, acredita-se, tu vais mostrar tua misericórdia e tua compaixão de modo tão notável quanto agora é surpreendente, bizarra e extravagante a tua aparente crueldade. Em vez de cobrares a multa, que é uma libra da carne deste pobre mercador, tu vais não só esquecer a multa, mas, tocado por amor ao próximo e bondade humana, vais perdoar uma parcela da dívida principal, lançando um olhar de piedade sobre as perdas dele, que nestes últimos dias amontoaram-se sobre seus ombros, o suficiente para massacrar até mesmo um inveterado mercador e, neste estado, para arrancar comiseração de corações empedernidos, de turcos teimosos, de tártaros jamais treinados no ofício da gentileza cortês. Estamos todos esperando de ti, judeu, um posicionamento gentil.[51]

Shylock – Sua Graça está ciente de meu propósito, e jurei pelo nosso Sabá sagrado recolher a multa que me é devida, segundo minha nota promissória.

Se isso me for negado por Sua Graça, que o perigo ilumine seus direitos e privilégios e a liberdade desta sua Veneza! O senhor vai me perguntar por que prefiro ter um peso em carne de carcaça em vez de receber três mil ducados. A isso, eu me dou o direito de não responder… digamos que é a minha vontade. Está respondida a pergunta? Se a minha casa fosse perturbada por uma ratazana, e eu me dispusesse a pagar dez mil ducados para me livrar dela? Está respondido agora? Alguns homens há que não se encantam por um leitão assado; outros, que enlouquecem só de ver um gato; e outros, ainda, que se urinam nas calças só de ouvir tocar uma gaita de fole; pois o sentimento, este amo e senhor das emoções, ele as leva para um lado e para outro, conforme gosta ou detesta. Agora, Sua Graça, vamos à sua resposta: como nenhuma boa razão explica por que ele não consegue comer um leitão assado, e por que ele não consegue tolerar um gato por necessidade inofensivo, e por que ele não aguenta o som de uma gaita de fole, sem que involuntariamente cedam a essas suas inevitáveis fraquezas, do mesmo modo eles estão agredindo (o anfitrião, o dono do gato, o músico) sempre que se sentem agredidos. Assim é que não tenho nenhuma boa razão para apresentar, e nem quero; a não ser a raiva alojada em mim e o firme ódio que sinto por Antônio. A esta raiva e a este ódio dou seguimento, com um processo na justiça contra ele, que a mim não traz ganho algum. Está respondida a sua pergunta?

Bassânio – Isso não é resposta, seu insensível, que desculpe o fluir dessa tua crueldade.

Shylock – Não tenho nenhuma obrigação de agradar a ti com as minhas respostas.

Bassânio – E todos os homens matam as coisas pelas quais não têm amor?

Shylock – E algum homem odeia a coisa que ele não quer matar?

Bassânio – Quando nos insultam, isso não significa que nos odeiam.

Shylock – Ora, e tu queres deixar uma serpente te picar duas vezes?

Antônio – Por favor, lembrem-se que os senhores estão argumentando com um judeu. É o mesmo que parar-se na praia e pedir à maré cheia que diminua a sua altura costumeira. É o mesmo que perguntar ao lobo por que ele fez a ovelha balir atrás do cordeirinho. É o mesmo que proibir os pinheiros das montanhas de balançar suas copas e dizer-lhes para não fazer barulho quando são atormentados pelas rajadas de vento. Enfim, senhores, é o mesmo que executar a tarefa mais dura deste mundo: tentar amolecer

esse… (mas, por outro lado, o que seria mais duro que isso?) …esse coração judeu. Assim é que eu lhes peço encarecidamente: basta de tentar negociar, basta de procurar outros meios. Com a maior brevidade possível e sem rodeios, deixem-me ter o meu julgamento, e o judeu, a sua vontade.

Bassânio – Pelos teus três mil ducados, aqui tem seis.

Shylock – Se cada ducado destes seis mil ducados fosse dividido em seis, e cada sexto de ducado fosse um, ainda assim eu não aceitaria. Desejo receber a multa prevista na promissória.

Doge – Como é que tu esperas um dia receber misericórdia, se não concedes nenhuma?

Shylock – Que julgamento devo temer, se não faço nada errado? Os senhores têm entre vocês muitos escravos, que os senhores compraram e que, como se fossem seus jumentos, seus cachorros, suas mulas, os senhores usam de modo abjeto, em tarefas nojentas. Porque os senhores os compraram. Devo então dizer-lhes "Libertem os seus escravos! Deixem que eles se casem com os seus herdeiros! Por que eles têm de suar, carregando pesadíssimos fardos? Permitam que as camas deles sejam tão macias quanto as suas próprias, e permitam que os paladares deles sejam agraciados com as mesmas carnes bem temperadas que vocês comem!", devo dizer-lhes isso? Os senhores vão me responder "Os escravos são nossos". Pois eu lhes respondo assim. Essa uma libra de carne que exijo dele foi comprada a peso de ouro; ela é minha, e vou levar o que é meu. Se isso me for negado, meus senhores, as suas leis são uma vergonha; os decretos de Veneza não são respeitados. Estou aqui para um julgamento. Quero que me respondam: terei o meu julgamento?

Doge – Tenho poderes para dissolver este tribunal, a menos que Bellário, um erudito doutor em leis, a quem mandei buscar para deliberar esta questão, chegue aqui ainda hoje.

Salério – Milorde, temos aqui fora um mensageiro com uma carta escrita pelo doutor; recém-chegado de Pádua.

Doge – Pois que nos tragam a carta. Chame o mensageiro.

Bassânio – Anime-se, Antônio. Vamos, homem, coragem! O judeu vai receber a minha carne, o meu sangue, ossos e tudo o mais, antes que você por mim perca uma única gota de sangue.

Antônio – Eu sou o carneiro doente do rebanho, marcado para morrer; sou o fruto mais débil, que logo cai do galho; então, deixe-me. Você tem uma

obrigação a cumprir, Bassânio: viver para escrever o meu epitáfio.

Entra Nerissa, disfarçada de ajudante de advogado.

Doge – Estás chegando de Pádua, enviado por Bellário?

Nerissa – A resposta é positiva para as duas perguntas, milorde. *[Estendendo a carta:]* Bellário manda suas cordiais saudações a Sua Graça.

Bassânio – Por que afias tua faca com tanto afinco?

Shylock – Para cortar fora a multa desse homem falido.

Graciano – Vais deixar tua faca bem afiada, judeu, imolando-a não na sola do teu sapato, mas sim na tua alma, que, esta sim, está na sola. Mas nenhum metal jamais conseguirá ficar tão afiado como tua fina inveja, nem o machado do algoz responsável por decapitar. Nenhuma prece perfura a tua couraça?

Shylock – Não, nenhuma do teu repertório.

Graciano – Ah, que tu sejas condenado ao inferno, inexecrável cachorro, e que a justiça seja considerada culpada por teres vivido até hoje. Tu quase me fazes duvidar da minha fé, quase me fazes querer abraçar as opiniões de Pitágoras (que as almas dos animais instilam-se no corpo dos homens). O teu espírito vira-lata é governado por um lobo (enforcado por matar um homem); ainda no cadafalso, sua alma decaída se desprendeu. Enquanto tu estavas dentro da profana fêmea que te concebeu, aquela alma instilou-se em ti; pois teus desejos são os de um lobo: sanguinários, famintos, devoradores.

Shylock – Até que tu possas com teus gritos arrancar o selo que está aposto à minha nota promissória, só estás agredindo os teus pulmões, falando assim tão alto. Dá um jeito de consertar a tua inteligência, meu jovem, senão ela vai ruir, e vira tapera antes do tempo. Eu estou aqui para ver que se faça justiça.

Doge – Esta carta de Bellário vem recomendando um jovem e erudito doutor para o nosso tribunal. Onde está ele?

Nerissa – Ele aguarda, do lado de fora, para saber de sua reposta, se Sua Graça vai deixá-lo entrar.

Doge – De todo o meu coração. Três ou quatro de vocês, vão buscá-lo, e acompanhem-no com máxima cortesia até a nossa presença.

Saem os oficiais.

Enquanto isso, este tribunal ouvirá a carta de Bellário. *[Lendo:]* "Venho informar a Sua Graça que, ao receber sua carta, encontro-me enfermo. Entretanto, no mesmo instante em que chegou o seu mensageiro, visitava-me, muito simpaticamente, um jovem doutor de Roma. Seu nome é Baltasar. Coloquei-o a par da causa ora em litígio, entre o judeu e Antônio, o mercador. Juntos, consultamos vários livros, e ele está ciente de minha opinião, que, aperfeiçoada com seus próprios estudos (e não tenho palavras para descrever-lhe a importância desses estudos), estou enviando por meio dele, dada a minha impossibilidade de comparecer. Baltasar tem plenas condições de substituir-me e atender ao pedido de Sua Graça. Venho pedir-lhe que não permita ser a sua pouca idade impedimento a que o tratem com o devido respeito, pois não conheço outra pessoa de corpo tão jovem e cabeça tão anciã. Deixo em suas mãos aceitá-lo no tribunal com cordialidade. Seu trabalho o recomenda, melhor que esta minha carta."

Entra Pórcia, disfarçada de Doutor Baltasar, acompanhada de oficiais.

Os senhores ouviram o que nos escreveu o erudito Bellário, e agora, presumo eu, esse é o doutor que chega. Um aperto de mão. Foi o velho Bellário quem o enviou?

Pórcia – Sim, milorde.

Doge – Seja bem-vindo. Tome o seu lugar. O senhor está familiarizado com a desavença que traz a presente questão a este tribunal?

Pórcia – Fui informado de todos os detalhes da causa. Quem aqui é o mercador, e quem, o judeu?

Doge – Antônio e o velho Shylock, um passo à frente.

Pórcia – O seu nome é Shylock?

Shylock – O meu nome é Shylock.

Pórcia – É de natureza estranha a ação que o senhor move, e, no entanto, tão pertinente, que as leis venezianas não podem impugná-la à medida que o senhor leva essa sua causa adiante. … E o senhor encontra-se à mercê dele, não é mesmo?

Antônio – Sim, é o que ele diz.

Pórcia – O senhor confessa que a promissória é sua?

Antônio – Sim.

Pórcia – Então o judeu deve ser piedoso.

Shylock – E por que deveria? Pode me explicar?

Pórcia – A misericórdia é uma virtude que não se pode fazer passar à força por uma peneira, mas pinga como a chuva mansa cai dos céus na terra. É duplamente abençoada: abençoa quem tem compaixão para dar e quem a recebe. Poderosa nos poderosos, harmoniza-se com o monarca ao trono melhor que a coroa. O cetro denota a força do poder temporal, o atributo real que inspira o respeito à majestade, fonte do temor e da reverência aos reis. Mas a misericórdia está acima de qualquer movimento do cetro. Ela tem seu trono no coração dos reis, é um atributo de Deus e um tributo a Deus, é um poder mundano que se mostra divino… quando a misericórdia vem temperar a justiça. Portanto, judeu, embora o cumprimento da justiça seja a tua argumentação, considere o seguinte: no cumprimento da justiça, nenhum de nós vai encontrar a salvação. Nós lhe suplicamos por misericórdia, e essa mesma súplica ensina-nos a todos que devemos praticar a misericórdia. Até aqui, falei para mitigar a sua argumentação em prol da justiça, que, se for mantida, este tribunal de Veneza fica obrigado a dar sentença contra aquele mercador ali.

Shylock – Que meus atos caiam sobre minha cabeça! Tenho fome de justiça, quero a multa e o pagamento da multa de minha promissória.

Pórcia – Ele não tem como reembolsá-lo pelo empréstimo?

Bassânio – Sim, tenho aqui dinheiro vivo para ele, nesta sala de tribunal, sim, o valor em dobro; se não for suficiente, comprometo-me a pagar dez vezes o valor da multa com minhas mãos, minha cabeça, meu coração. Se isso não bastar, parece-me que a maldade está massacrando a integridade. E eu lhe peço para moldar a lei à sua autoridade esta uma única vez; para fazer um enorme bem, faça um mal mínimo e imponha limites à crueldade do propósito deste demônio.

Pórcia – Impossível; não há poder em Veneza que possa alterar um decreto sacramentado. Ficaria registrado como um precedente, e muitas ações legais equivocadas, uma vez dado esse exemplo, choveriam sobre o Estado. Impossível.

Shylock – Temos um Daniel na sala deste tribunal; sim, um Daniel, o mais incorruptível dos incorruptíveis juízes! Ah, meu jovem juiz de sapiência, muito nos honra a vossa presença!

Pórcia – Peço-lhe que me deixe examinar a letra promissória.

Shylock – Aqui está, doutor reverendíssimo, aqui está.

Pórcia – Shylock, estão te oferecendo o triplo deste valor em dinheiro vivo.

Shylock – Um juramento, um juramento. Fiz um juramento com os céus! Devo colocar o peso do perjúrio na minha alma? Não, nem mesmo por Veneza.

Pórcia – Esta promissória já venceu, e, por lei, segundo este documento, o judeu pode requerer a sua libra de carne, a ser cortada por ele o mais perto possível do coração do mercador. Seja piedoso: leve o triplo do dinheiro; peça-me para rasgar a promissória.

Shylock – Quando ela estiver paga de acordo com o seu teor. Está me parecendo que você é um juiz de muito valor, que conhece a lei, e a sua preleção foi bastante sólida. Solicito que o senhor, de acordo com a lei, da qual o senhor é meritoriamente um pilar, proceda de imediato ao julgamento. Por minha alma, juro que não há força nas palavras de nenhum homem que possa modificar minha decisão. Esta é a minha posição: quero cobrar minha promissória.

Antônio – De todo o coração, peço encarecidamente à corte que dê o seu veredito.

Pórcia – Mas, então, é isto: o senhor deve preparar o peito para a faca dele.

Shylock – Ah, que nobre juiz! Ah, que excelente jovem!

Pórcia – Não há dúvidas: a significação e a intenção da lei autorizam a cobrança da penalidade que, como nos mostra esta promissória, lhe é devida.

Shylock – É a mais pura verdade. Ah, que juiz sábio e correto! Sois tão mais velho que a vossa aparência!

Pórcia – Assim sendo, o senhor pode despir o seu peito.

Shylock – Sim, o seu peito. É o que diz a promissória, não é, nobre juiz? “O mais perto possível do coração”: são essas exatamente as palavras.

Pórcia – É isso mesmo. Temos uma balança aqui, para pesar a carne?

Shylock – Tenho uma de prontidão.

Pórcia – Tenha também um médico de prontidão, Shylock, às suas custas, para estancar as feridas, para que ele não sangre até a morte.

Shylock – Isso está discriminado na promissória?

Pórcia – Isso não está discriminado, mas, e daí? Seria bom que o senhor agisse assim, por caridade.

Shylock – Não estou encontrando;[52] não está escrito na promissória.

PÓRCIA – Mercador: o senhor tem algo a dizer?

ANTÔNIO – Muito pouco; sou forte[53] e estou preparado. Me dê a sua mão, Bassânio. Adeus. Não sofra pensando que estou nesta situação por você. Pois agora mesmo Fortuna, a deusa do destino, mostra-se mais generosa que de costume: normalmente ela deixaria o miserável viver mais que sua fortuna, para ver com olhos encovados e face enrugada uma época de pobreza; deste martírio de um castigo longo e lento ela está me poupando. Minhas recomendações à sua honrada esposa. Conte a ela que fim tiveram os procedimentos de Antônio, conte do amor que sempre tive por você, fale bem de mim depois de morto e, quando tiver contado tudo, peça a ela que seja o juiz e julgue se Bassânio não teve um amigo que muito o amou. Só você se arrepende, pois vai perder o seu amigo, e ele não se arrepende por estar pagando a sua dívida… porque, se o judeu cortar fundo o suficiente, pago a sua dívida instantaneamente com todo o meu coração.

BASSÂNIO – Antônio, estou casado com uma mulher que é tão cara para mim quanto a própria vida. Mas, mesmo a minha vida, e a minha esposa, e o mundo inteiro não contam mais alto que tu na minha estima. Preferia perder tudo, sim, aqui mesmo sacrificar a eles todos nas mãos desse demônio, para te pôr em liberdade.

PÓRCIA – A sua esposa lhe ficaria muito agradecida por isso, se estivesse aqui para ouvir essa sua oferta.

GRACIANO – Eu tenho uma esposa a quem amo, e muito; preferia que ela estivesse no céu, para que pudesse suplicar a alguma divindade para que modificasse esse judeu vira-lata.

NERISSA – É bom que você faça essa oferta pelas costas dela; do contrário, esse é um desejo que tira a tranquilidade de um lar.

SHYLOCK – E são esses os maridos cristãos! Eu tenho uma filha; preferia que qualquer um da linhagem de Barrabás fosse seu marido, em vez de um cristão![54] Estamos perdendo tempo; peço-te que prossigas com a sentença.

PÓRCIA – Uma libra da carne deste mercador aqui é tua; esta corte te garante isso, e a lei te concede isso.

SHYLOCK – Corretíssimo juiz.

PÓRCIA – E o senhor deve cortar a carne do peito dele. A lei permite, e este tribunal determina.

Shylock – Mui douto juiz! Que sentença! Vamos, prepare-se.

Pórcia – Espere um minutinho, tem mais uma coisa. A promissória não prevê que te apropries do sangue do mercador. As palavras dizem expressamente “uma libra de carne”. Então, pega a tua promissória e pega a tua libra de carne, mas, ao fazer o corte, se tu derramares uma única gota de sangue cristão, tuas terras e todos os teus bens serão confiscados pelas leis de Veneza e passarão a ser propriedade do Estado.

Graciano – Ah, que juiz honrado! Preste atenção, judeu… que juiz erudito!

Shylock – É essa a lei?

Pórcia – Tu mesmo podes ver o texto da lei. Pois, como tu clamavas por justiça, podes estar seguro de que terás mais justiça do que querias.

Graciano – Ah, que juiz erudito! Preste atenção, judeu: um juiz erudito.

Shylock – Então eu aceito essa oferta. Podem me pagar o triplo da promissória e podem deixar o cristão ir embora.

Bassânio – Aqui está o dinheiro.

Pórcia – Devagar com o andor. O judeu verá ser feita a justiça em toda sua plenitude. Devagar, não há pressa. Ele não receberá nada, a não ser a multa.

Graciano – Ah, judeu, um juiz íntegro, um juiz erudito!

Pórcia – Portanto, prepara-te para cortar-lhe a carne. Não derrames sangue, nem cortes um isso a mais nem a menos, mas exatamente uma libra de carne. Se tirares mais que uma libra exatamente, ou menos, mesmo que seja a vigésima parte de um escrópulo[55] para mais ou para menos, mesmo que seja por uma diferença em peso daquilo que se estima ser o peso de um fio de cabelo, tu morres, e todos os teus bens serão confiscados.

Graciano – Um segundo Daniel; um Daniel, judeu! Agora, infiel, eu te tenho preso numa gravata.

Pórcia – Por que o judeu está esperando? Vamos lá, pega o pagamento da tua multa.

Shylock – Podem me pagar a mesma quantia que eu emprestei, e me deixem ir embora.

Bassânio – Tenho aqui comigo, prontinha; aqui está.

Pórcia – Ele recusou essa quantia nesta mesma sala, nesta mesma sessão, em tribunal pleno. Ele vai levar só e tão somente justiça e o que está previsto na promissória.

GRACIANO – Um Daniel, repito, um segundo Daniel! Eu te agradeço, judeu, por ter me ensinado essa palavra.

SHYLOCK – Não vou receber nem mesmo tão somente a quantia inicial?

PÓRCIA – Tu receberás o pagamento da multa e nada além do pagamento da multa, a ser cobrado por tua conta e risco, judeu.

SHYLOCK – Ora, então, o diabo que se encarregue! Não vou ficar para ouvir mais argumentos.

PÓRCIA – Mais devagar, judeu. A justiça ainda tem uma outra questão a cobrar do senhor. Está promulgado nas leis de Veneza que, se ficar provado um processo contra um estrangeiro que, por tentativas diretas ou indiretas, procurou dar fim à vida de algum cidadão veneziano, a parte contra quem ele conspirou deve entrar em posse de metade de seus bens, enquanto a outra metade vai para os cofres privados do governante do Estado, e a vida do criminoso fica à mercê do Doge, cuja decisão será soberana e irrecorrível. Digo que tu te encontras nessa situação delicada. Parece que, por procedimento indiretamente e também diretamente manifesto, tu conspiraste contra a vida do réu e, assim, incorreste no caso previsto em lei e por mim já relatado. Ajoelha-te, portanto, e implora ao Doge por misericórdia.

GRACIANO – Implora por uma licença para te enforcares. Contudo, com tua fortuna confiscada pelo Estado, não te sobra dinheiro para uma corda. Assim, vais ter de ser enforcado às custas do Estado.

DOGE – Para que tu vejas quão diferentes somos em espírito, revogo uma parte da penalidade: antes que me peças por tua vida, não te condeno à morte. Quanto à metade de tua fortuna, é de Antônio. A outra metade vai para os cofres públicos do Estado, e a benevolência pode transformar esse confisco em uma multa.

PÓRCIA – A benevolência do Estado, não de Antônio.

SHYLOCK – Não. Sua Graça pode me tirar a vida e tudo o mais; não revogue nada. O senhor está me deixando sem um lar quando me tira as fundações que sustentam minha casa; o senhor está me deixando sem ter como viver quando me tira os meios de meu sustento.

PÓRCIA – Quanta misericórdia você pode oferecer, Antônio?

GRACIANO – Uma corda grátis… nada além disso, pelo amor de Deus.

Antônio – Se for do agrado de Sua Graça, o Doge, e desta corte de justiça, fico satisfeito com a revogação da multa de metade dos bens dele. Assim, ele me deixa ficar com a outra metade em confiança, para que eu a entregue, quando ele morrer, para o cavalheiro que recentemente roubou-lhe a filha. Ainda duas outras condições: em troca deste favor, que ele se converta imediatamente ao cristianismo; e a outra, que ele redija um documento de doação, registrado e assinado aqui nesta corte, pelo qual todos os bens que ele possuir à hora de sua morte passem automaticamente para o seu genro Lorenzo e sua filha Jéssica.

Doge – Ele fará isso, pois do contrário revogo o perdão que recém pronunciei aqui neste recinto.

Pórcia – Estás satisfeito, judeu? O que tens a declarar?

Shylock – Eu me dou por satisfeito.

Pórcia – Escrivão, redija um documento de doação.

Shylock – Peço que me deem licença para retirar-me. Não estou me sentindo bem. Podem me enviar o documento, e eu assino.

Doge – Pode ir, mas não deixe de assinar.

Graciano – Para o teu batismo, já tens dois padrinhos. Tivesse sido eu o juiz e tu terias outros dez[56] jurados te apadrinhando no caminho para a forca, e não para a pia batismal.

Sai Shylock.

Doge – *Sir*, peço que me acompanhe à minha casa e almoce comigo.

Pórcia – Com humildade, preciso pedir à Sua Graça que me perdoe. Devo partir ainda esta noite para Pádua, e é conveniente que eu me despeça agora.

Doge – Que pena que você não possa usufruir de seu tempo livre. Antônio, recompense o cavalheiro, pois, no meu entendimento, agora você tem com este aqui uma dívida imensa.

Saem o Doge e seu séquito.

Bassânio – Mui digno cavalheiro, meu amigo e eu, no dia de hoje, graças à sua sapiência, fomos liberados de graves penalidades, e é de nossa vontade usar os três mil ducados que eram devidos ao judeu para remunerar os seus generosos serviços.

Antônio – E permanecemos seus devedores; para sempre estaremos às suas ordens e para sempre o senhor terá nossa amizade.

PÓRCIA – Já está bem pago quem está bem satisfeito. E eu estou satisfeito em ter livrado os senhores daquela situação. Portanto, considero-me bem pago. E, no entanto, a minha mente nunca foi tão mercenária. Só o que peço é que o senhor me reconheça quando nos encontrarmos novamente. Aqui eu me despeço; passe bem.

BASSÂNIO – Meu caro, eu tenho a obrigação de tentá-lo mais uma vez. Leve consigo alguma lembrança nossa como um tributo a sua pessoa, então, e não como um pagamento. Conceda-me duas coisas, por favor: não diga não, e me perdoe por insistir.

PÓRCIA – Você me pressiona, e eu desejo ceder. Pode me dar as suas luvas; vou usá-las em consideração à sua pessoa. Como sinal de sua afeição, fico com este seu anel. Não, deixe a mão aqui, só vou tirar o anel, e nada mais. E você, por amizade, não me vai dizer não.

BASSÂNIO – Este anel, senhor? Ai de mim, ele é insignificante. Vou passar vergonha se eu lhe der este anel.

PÓRCIA – Não quero nada mais, e não quero outra coisa, só o anel. E agora, a mim me parece, estou determinado a ter esse anel.

BASSÂNIO – Há mais coisas ligadas a este anel do que o seu valor. Eu lhe dou o anel mais caro de Veneza, e coloco avisos públicos em toda a cidade para encontrá-lo. Mas, este aqui… eu peço que me perdoe.

PÓRCIA – Estou vendo, *sir*, que é um homem liberal em suas ofertas. Primeiro, ensina-me a mendigar por um anel; e agora, a mim me parece que o senhor está querendo me ensinar como se deve responder a um mendigo.

BASSÂNIO – Meu caro, este anel me foi dado por minha esposa e, quando ela o colocou no meu dedo, fez-me prometer que eu não o venderia, não o daria de presente, não o perderia.

PÓRCIA – Muitos homens se servem dessa desculpa para salvaguardar seus presentes; e, se a sua esposa não é má pessoa e sabe o quanto eu fiz por merecer esse anel, ela não ficará contra você para sempre, por ter me ofertado o anel. Bem, fiquem em paz, senhores.

Saem Pórcia e Nerissa.

ANTÔNIO – Meu bom Lorde Bassânio, deixe que ele fique com o anel. Deixe que o mérito dele e a minha amizade sejam avaliados contra as ordens de sua esposa.

BASSÂNIO – Vai, Graciano, corre atrás dele. Entrega-lhe o anel e traz ele até a casa de Antônio, se puderes. Vai, corre.

Sai Graciano.

Venha, você e eu vamos embora daqui; de manhã cedinho estaremos voando para Belmonte. Venha, Antônio, vamos.

Saem.

ATO 4, CENA II [EM VENEZA]

Entram Pórcia e Nerissa.

PÓRCIA – Pergunta onde é a casa do judeu, entrega a ele este documento e espera ele assinar. Vamos embora esta noite, e estaremos em casa um dia antes de nossos maridos. Este documento será muito bem recebido por Lorenzo.

Entra Graciano.

GRACIANO – Meu bom senhor, que bom que consegui alcançá-lo! O meu amo, Lorde Bassânio, reconsiderou, e manda entregar-lhe este anel, e solicita sua companhia para o almoço.

PÓRCIA – O convite eu não posso aceitar. O anel, aceito, e peço que digas a ele que fico muito agradecido. Além disso, peço que mostres ao meu ajudante qual é a casa do velho Shylock.

GRACIANO – Pois não.

NERISSA *[dirigindo-se a Pórcia] – Sir*, quero lhe falar. *[Em particular:]* Vou ver se consigo obter o anel do meu marido; eu fiz ele jurar que ficaria com ele para sempre.

PÓRCIA – Podes falar, tens minha permissão. Vamos ouvir deles a história mais estranha: vão nos jurar que deram os seus anéis para dois homens. Mas nós vamos confrontá-los e fazer deles perjuros. Agora vai, apressa-te, tu sabes onde vou estar te esperando.

NERISSA – Venha, meu bom homem; pode me levar até a casa dele?

Saem.

---

[51]. “Gentil”, com a mesma pronúncia de “gentio”. (N.T.)

[52]. “Não estou encontrando (caridade no meu coração).” (N.T.)
[53]. Espiritualmente. (N.T.)
[54]. Pilates, a pedido da multidão, perdoou Barrabás e condenou Jesus Cristo à cruz. Shylock está dizendo que preferia ver a filha casada com um ladrão judeu, em vez do ladrão cristão que lhe roubou a filha juntamente com seus ducados e suas joias. (N.T.)
[55]. Medida (1,125g) usada àquela época por joalheiros e boticários. (N.T.)
[56]. Dois e dez, compondo os doze membros de um júri. (N.T.)

QUINTO ATO

ATO 5, CENA I [EM BELMONTE]

Entram Lorenzo e Jéssica.

Lorenzo – A lua brilha, esplendorosa. Numa noite assim, quando a brisa suave beija com delicadeza as árvores, e elas não fazem barulho, numa noite bem assim, Troilo[57], se não estou enganado, galgou os muros de Troia, e sua alma suspirava na direção do acampamento dos gregos, onde dormia Créssida naquela noite.

Jéssica – Numa noite bem assim, Tisbe[58], temerosa, tropeçou no orvalho e viu a sombra do leão diante de si e fugiu correndo, apavorada.

Lorenzo – Numa noite bem assim, Dido[59] esperava, na praia defronte a um mar selvagem, sinalizando com um ramo de salso-chorão, para que o seu amor voltasse a Cartago.

Jéssica – Numa noite bem assim, Medeia[60] colheu as ervas encantadas que fizeram seu sogro Éson rejuvenescer.

Lorenzo – Numa noite bem assim, Jéssica fugiu sorrateira da casa do rico judeu e com seu amor perdulário saiu de Veneza e foi parar em Belmonte.

Jéssica – Numa noite bem assim, o jovem Lorenzo jurou amor a ela, roubando sua alma com muitos votos de fé[61] e muitas promessas de fidelidade, nenhuma delas verdadeira.

Lorenzo – Numa noite bem assim, a linda Jéssica (mimosa megera) injuriou o seu amor, mas ele a perdoou.

Jéssica – Eu por certo ganharia de você, recitando todas as “noites bem assim”, se não aparecesse ninguém mais. Mas, escute, estou ouvindo as passadas de um homem.

Entra Estéfano, um mensageiro.

Lorenzo – Quem vem aí tão rápido no silêncio da noite?

Estéfano – Um amigo.

Lorenzo – Um amigo? Que amigo? Seu nome, por favor.

Estéfano – Estéfano, senhor, e trago uma mensagem. Minha patroa estará chegando aqui em Belmonte antes do amanhecer. Ela está vindo aos poucos, passando por todas as cruzes santas, onde se ajoelha e reza por horas felizes nos laços do matrimônio.

Lorenzo – Quem vem com ela?

Estéfano – Ninguém a não ser um eremita santo e sua dama de companhia. Eu lhe pergunto, senhor: o meu amo já retornou de viagem?

Lorenzo – Ainda não, e não tivemos notícias dele. Jéssica, eu te peço, vai entrando, e vamos preparar as cerimônias de boas-vindas para a dona da casa.

Entra Lancelote, o Palhaço.

Lancelote – Ô-lá, ô-lá! Ei, oi! Ô-lá, ô-lá![62]

Lorenzo – Quem está chamando?

Lancelote – Ô-lá! O senhor viu o mestre Lorenzo? Mestre Lorenzo, ô-lá, ei!

Lorenzo – Para de gritar, homem! Estou aqui!

Lancelote – Ô-lá! Onde? Onde?

Lorenzo – Aqui!

Lancelote – Diga a ele que chegou um correio enviado por meu amo, com uma cornucópia cheia de boas-novas: o meu amo vai chegar antes de clarear o dia, aquela boa alma.

Lorenzo – Vamos entrar, e esperamos lá dentro que eles cheguem. Mas, por outro lado, nada disso. Por que deveríamos entrar? Meu amigo Estéfano, anuncie para todos da casa, por favor, que sua patroa está chegando, e traga aqui, para o ar puro, ao ar livre, os músicos da casa.

Sai Estéfano.

Com que doçura dorme o luar neste monte! Aqui vamos nos sentar, e deixaremos os sons da música insinuarem-se em nossos ouvidos. A suave quietude da noite combina com os acordes de doces harmonias. Sente-se, Jéssica. Olhe como o céu exibe o seu chão marchetado de pátenas de madrepérola. Você pode contemplar e ver que nem mesmo o menor dos corpos celestes deixa de se mover em sua órbita[63] como um anjo no coro, eternamente cantando para os querubins de olhares inocentes. Essa é a

harmonia das almas imortais, mas, enquanto esta vestimenta de barro[64] e decadência encerra as nossa almas, nós não sabemos ouvir.

Entra Estéfano com os músicos.

Vamos lá! Acordando Diana com um cântico de louvor. Com os mais doces acordes, toquem os ouvidos de sua patroa e, pela música, tragam-na para casa.

Os músicos tocam.

JÉSSICA – Nunca me sinto alegre quando ouço música suave.

LORENZO – Isso porque o seu espírito está atento. Basta notar um rebanho selvagem e fogoso, a corrida de potros indomados, em busca de novas e loucas fronteiras, nitrindo e relinchando… que esta é a natureza ardente do seu sangue… Se eles por um acaso escutam o som de uma trombeta, ou qualquer outro ar musical lhes toca os ouvidos, você vai perceber que eles param, todos, na mesma hora, seus olhares selvagens transformados em tímida contemplação pelo poder suave da música. O poeta Ovídio imaginava que Orfeu atraía as árvores, as pedras, as enchentes, uma vez que nada tão maciço, nem tão duro, nem tão violento podia ter alterada a sua natureza, a não ser pela música no seu tempo exato. O homem que não traz a música dentro de si nem se deixa comover pela harmonização de sons suaves é homem feito para traições, ardis e pilhagens; os movimentos de seu espírito são desafinados e melancólicos como a noite, e seus afetos, sombrios como o Érebo.[65] Que ninguém confie em um homem desses. Vamos ao compasso da música.

Entram Pórcia e Nerissa.

PÓRCIA – Aquela luminosidade que avistamos é chama acesa na minha casa. A que distância uma simples vela envia seus raios de luz! É assim que brilha uma boa ação num mundo perverso.

NERISSA – Quando a lua estava brilhando, não se conseguia enxergar a vela.

PÓRCIA – É assim que uma grande glória obscurece uma glória menor. Um substituto brilha como se fosse um rei, até que um rei lhe chega perto, e então sua posição se esvazia, assim como um córrego de águas doces esgota-se para dentro das águas maiores e salgadas. Música! Ouça!

NERISSA – É música sua, madame, dos músicos da casa.

PÓRCIA – Nada é bom, agora estou vendo, fora de seu contexto; a mim me parece que soa muito mais suave à noite que de dia.

NERISSA – O silêncio atribui essa virtude à música, madame.

PÓRCIA – O corvo canta tão docemente quanto a cotovia, se é fora de hora e ninguém está esperando. E acho que o rouxinol, se cantasse de dia, quando todos os gansos estão grasnando, passaria por um músico comparável à corruíra. Quantas coisas dependem da estação do ano para amadurecer até atingir a real perfeição, até conquistar os elogios merecidos. Ei, silêncio! A Lua está dormindo com Endimião[66] e não quer ser acordada!

Os músicos param de tocar.

LORENZO – Essa voz… ou muito me engano, ou é de Pórcia!

PÓRCIA – Ele me conhece como um cego conhece o cuco, pela voz ruim.

LORENZO – Minha cara dama, bem-vinda à sua casa!

PÓRCIA – Estivemos rezando pelo bem-estar de nossos maridos, na esperança de que as nossas palavras tenham lhes reforçado a proteção. Já voltaram, eles?

LORENZO – Madame, ainda não. Mas chegou um mensageiro deles, anunciando-lhes a chegada em breve.

PÓRCIA – Vai entrando, Nerissa. Dá ordens à criadagem, que eles não façam comentários sobre a nossa ausência… a mesma coisa você, Lorenzo, e você também, Jéssica.

Ouve-se um toque de clarins.

LORENZO – O seu marido está chegando, posso ouvir a trombeta. Não somos fofoqueiros, madame; não há o que recear.

PÓRCIA – A mim me parece que a noite não passa de um dia adoentado, que está um pouco mais pálido; é um dia igual como o dia é quando não se tem sol.

Entram Bassânio, Antônio, Graciano e seus acompanhantes.

BASSÂNIO – Deveríamos passar o dia com nossos antípodas, se o que se quer é andar sempre na ausência do sol.

PÓRCIA – Eu gostaria de iluminar, sem ser eu mesma a luz; eu gostaria de ser leve sem ser leviana, pois, se tem muita leveza a mulher, isso pesa no marido, e eu espero que o humor de Bassânio não se mostre nunca pesado comigo… Mas, Deus põe e dispõe. Seja bem-vindo à sua casa, milorde.

Bassânio – Eu lhe agradeço, madame. Dê as boas-vindas ao meu amigo. Este é o homem, este é Antônio, e a ele devo tudo, eternamente tudo.

Pórcia – Você deve mesmo, em tudo, sentir que tem com ele dívida eterna, pois, pelo que ouvi, ele quase foi para a vida eterna por uma dívida sua.

Antônio – Essa dívida não existe mais, e eu fui muito bem resgatado.

Pórcia – O senhor é muito bem-vindo à nossa casa. Isso deve revelar-se de outras formas que não somente em palavras; portanto, faço breves as formalidades do discurso.

Graciano *[dirigindo-se a Nerissa]* – Pela lua que está ali no céu, juro que você está me ofendendo! Por minha fé, eu dei o anel para o ajudante do juiz, e, de minha parte, queria que ele fosse capado, já que você, meu amor, leva isso tão a sério.

Pórcia – Uma briga, hein, tão cedo! Qual é o problema?

Graciano – É por causa de um aro de ouro, um anel muito do ordinário que ela me deu, com uma inscrição, por sinal muito ruim, como coisa gravada em cabo de canivete: “Ama-me e não me deixes”.

Nerissa – Do que você está falando: da inscrição ou do valor do anel? Você me prometeu, você jurou, quando eu lhe dei o anel, que ele ficaria no seu dedo até a hora da sua morte, e que ele iria com você para o túmulo. Não falo por mim, mas sim pelas juras veementes que você fez; você não teve foi consideração; não podia se desfazer do anel. Deu para o ajudante de um juiz! Não, e Deus é testemunha: esse ajudante, nunca mais ele vai ter barba na cara.

Graciano – Vai, sim. Só falta ele virar homem.

Nerissa – Claro! Só falta uma mulher virar homem.

Graciano – Juro por esta minha mão, eu dei o anel para um rapazinho, pouco mais que um menino, um moço insignificante, assim da sua altura, o ajudante do juiz, um guri tagarela que me suplicou desse a ele o anel à guisa de honorários. Não tive coragem de negar.

Pórcia – Culpa sua (estou sendo franca com você), separar-se tão logo do primeiro presente de sua mulher, coisa que se grudou no seu dedo à custa de promessas e juramentos, que se pregou na sua carne à custa de fé e confiança. Eu mesma dei ao meu amor um anel e fiz com que jurasse jamais separar-se dele, e eis aqui o meu marido. Por ele, ponho minha mão no fogo: ele não iria tirá-lo do dedo nem iria se desfazer dele, nem mesmo por

toda a riqueza do mundo. Agora, de verdade, Graciano: você, com sua indelicadeza, deu à sua mulher uma motivo de dor. No lugar dela, eu estaria com muita raiva.

Bassânio *[à parte]* – Ora, mas então melhor teria sido cortar fora a minha mão esquerda e jurar que a perdi defendendo o anel.

Graciano – O meu amo Lorde Bassânio entregou o seu anel para o juiz, que suplicou pelo anel e que, deveras, também fez por merecê-lo. Depois, o rapaz seu ajudante, que trabalhou duro na escrita, ele suplicou pelo meu, e nem o ajudante nem o juiz aceitaram receber outra coisa que não fosse os dois anéis.

Pórcia – Que anel você entregou ao juiz, milorde? Não aquele, espero, que eu lhe dei de presente.

Bassânio – Se eu pudesse acrescentar uma mentira a um erro, eu negaria. Mas, vê: o meu dedo não tem nenhum anel. Ele se foi.

Pórcia – Assim como é falso, o seu coração está esvaziado de verdades. Juro pelos céus que não deito na sua cama até eu ver o anel de novo.

Nerissa – Nem eu na sua até eu ver o meu de novo.

Bassânio – Pórcia querida, se você soubesse para quem eu dei o anel, se soubesse por quem eu dei o anel, e quisesse entender por que eu dei o anel, e com que relutância me separei dele, quando absolutamente nada seria aceito, a não ser o anel, você diminuiria a intensidade do seu dissabor.

Pórcia – Se você conhecesse as qualidades daquele anel, ou metade do valor de quem lhe deu o anel, ou a sua própria honra, empenhada em preservar o anel, você não teria se separado dele. E que homem é esse, nem um pouco razoável, que, apesar de você ter defendido o anel com zelo, teve a indelicadeza de pressioná-lo por um objeto que para você é sagrado? Nerissa é quem me ensina no que acreditar: por minha vida, quem está com o anel é alguma mulher!

Bassânio – Não, por minha honra, madame, por minha alma: nenhuma mulher está com o anel, mas sim um doutor em direito civil, que recusou os três mil ducados que lhe ofereci e suplicou que lhe desse o anel, o que lhe neguei, e então ele foi embora, muito desgostoso, o mesmo homem que salvou a vida do meu melhor amigo. O que eu podia fazer, minha querida? Me vi constrangido a mandar o anel para ele; me vi tomado de vergonha por minha atitude grosseira. Minha honra não aceitaria ser manchada por uma ingratidão. Peço que me perdoe, minha *lady*, mas, juro por aquelas

abençoadas flamas do céu noturno, se você estivesse junto, acho que me teria suplicado que lhe desse o anel para entregá-lo você mesma ao valoroso doutor.

Pórcia – Não permita jamais que esse doutor chegue perto da minha casa. Já que ele está com a joia que eu adorava e que você jurou guardar por mim, vou ser tão liberal quanto você: a ele não negarei nada que é meu, nem o meu corpo, nem a cama do meu marido. E sei que vou conhecê-lo, tenho certeza disso. Não durma fora de casa uma noite sequer. Vigie-me como se você fosse Argos.[67] Se não fizer isso, se eu ficar sozinha, juro pela minha honra (que por enquanto é só minha): terei o doutor comigo na minha cama.

Nerissa – E eu, o ajudante do doutor. Portanto, esteja bem avisado para quando for me deixar à mercê de minha própria proteção.

Graciano – Muito bem, como quiser. Só não me deixe pegar o sujeito, porque senão eu acabo com o instrumento dele, de escrita.

Antônio – E eu sou a infeliz causa dessas brigas.

Pórcia – *Sir*, não se incomode; de qualquer modo, o senhor é muito bem-vindo.

Bassânio – Pórcia, perdoe-me por esse erro que me vi obrigado a cometer. E, com esses muitos amigos por testemunha, eu te juro, até mesmo pelos teus belos olhos, onde enxergo minha imagem espelhada…

Pórcia – Estão anotando isso? Nos meus olhos ele se vê em dobro, um Bassânio em cada olho. Jura pelo teu duplo eu, e vais receber de mim um voto de confiança!

Bassânio – Sim, mas me ouve. Perdoa esse erro, e, pela minha alma, eu te juro que nunca mais quebro uma promessa contigo.

Antônio – Uma vez eu emprestei o meu corpo pela fortuna dele e, se não fosse por esse homem que hoje tem o anel do seu marido, eu teria perdido o meu corpo. Eu me atrevo a passar outra promissória, e me obrigo a pagar a multa com minha alma como o seu marido nunca mais quebra uma promessa em sã consciência.

Pórcia – Então o senhor agora é o fiador dele. Dê-lhe isto, e peça que ele cuide melhor deste que do outro.

Antônio – Aqui, Lorde Bassânio, jure que vai guardar este anel.

Bassânio – Pelos céus, é o mesmo que entreguei ao doutor!

Pórcia – Ganhei dele. Me perdoe, Bassânio, mas, por esse anel, o doutor foi para a cama comigo.

Nerissa – E você também, meu bondoso Graciano, me perdoe, pois aquele mesmo rapaz insignificante, o ajudante do doutor, em troca disto, noite passada, dormiu comigo.

Graciano – Ora, isso é como remendar as estradas durante o verão, quando as estradas estão em boas condições. Mas, como! Somos dois cornos antes mesmo de termos feito por merecer?

Pórcia – Não seja grosseiro; vocês estão todos confusos. Eis aqui uma carta. Leiam com calma. Vem de Pádua, de Bellário. Nela, vocês vão descobrir que Pórcia era o doutor, e Nerissa aqui, seu ajudante. Lorenzo aqui está de testemunha que parti logo depois de vocês e retornei recém agora. Nem ao menos entrei na minha casa ainda. Antônio, seja bem-vindo. E eu tenho ótimas notícias para você, melhores que o esperado. Quebre o selo desta carta de uma vez; aí você vai descobrir que três de seus ricos navios mercantes chegaram ao porto inesperadamente, carregados. Você nunca vai adivinhar por que estranho incidente me deparei com essa carta.

Antônio – Não faço a menor ideia.

Bassânio – Você era o doutor e eu não a reconheci?

Graciano – Você era o ajudante que vai fazer de mim um cornudo?

Nerissa – Sim, mas um ajudante que nunca quis fazer isso, a não ser que ele vire homem.

Bassânio – Meu querido doutor, o senhor vai para a cama comigo. Quando eu me ausentar, então o senhor dorme com a minha mulher.

Antônio – Doce senhora! Você me deu a vida, e agora o meu ganha-pão, pois estou lendo aqui que é certo que os meus navios ancoraram em segurança.

Pórcia – E então, Lorenzo? Meu ajudante traz alguns confortos para você também.

Nerissa – Sim, e sem cobrar honorários. Estou passando para você e para Jéssica, de parte do judeu rico, um documento especial de doação, efetivo após sua morte, pelo qual vocês recebem tudo o que porventura seja dele na data de seu óbito.

Lorenzo – Formosas damas, vocês estão distribuindo maná no caminho de pessoas famintas.

PÓRCIA – Já é quase de manhã. E, no entanto, tenho certeza que os senhores querem saber mais sobre todos esses acontecimentos. Vamos entrar, e vocês podem nos interrogar, e nós vamos responder tudo em todos os detalhes.
GRACIANO – Que assim seja. A primeira pergunta que a minha Nerissa vai ter de responder sob juramento é a seguinte:
Até amanhã, tu preferes aqui ficar?
Ou nos deitamos antes do dia clarear?
De dia, eu vou querer a noite e o ajudante
Daquele doutor, que é pra eu beijar bastante.
(Enquanto eu viver, todo domingo na missa
Vou rezar pra não perder o anel de Nerissa.)

Saem.

FIM

---

[57]. Da mitológica história de Troilo, apaixonado por Créssida. (N.T.).
[58]. Da mitológica história de Píramo e sua amada Tisbe. (N.T.)
[59]. Da mitológica história de Enéas, herói de Troia e ancestral de todos os romanos. Dido, a rainha de Cartago, acolhe o náufrago Enéas e apaixona-se por ele; mais tarde, Enéas parte de Cartago sem se despedir de Dido. (N.T.)
[60]. Da mitológica história de Medeia, esposa de Jasão. (N.T.)
[61]. Por tê-la convertido ao cristianismo. (N.T.)
[62]. Lancelote está imitando os gritos dos caçadores durante uma caçada e fingindo que não enxerga Lorenzo e Jéssica naquela clara noite de luar. (N.T.)
[63]. Em alusão à teoria geocêntrica do Universo, de Ptolomeu, que fala de esferas concêntricas. No século XVI, era disseminada a ideia de que as esferas celestes produziam música por fricção. (N.T.)
[64]. O corpo humano, em alusão ao primeiro livro da Bíblia, o *Gênesis*. (N.T.)
[65]. Na mitologia grega, um lugar de escuridão, que fica embaixo da terra e em cima do inferno. (N.T.)
[66]. Na mitologia grega, Endimião foi um pastor por quem se apaixonou Selene (a Lua). (N.T.)
[67]. Na mitologia, um guardião que tinha cem olhos e, quando dormia, só dois se fechavam de cada vez. (N.T.)

SOBRE A TRADUTORA

BEATRIZ VIÉGAS-FARIA é tradutora formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), com especialização em linguística aplicada ao ensino do inglês (UFRGS, 1991). Em 1999, concluiu mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em linguística aplicada, com dissertação sobre tradução de implícitos em *Romeu e Julieta*, e, em 2004, doutorado com tese sobre tradução de implícitos em *Sonho de uma noite de verão*, na mesma instituição. Em 2003, realizou pesquisa em estudos da tradução e tradução teatral na University of Warwick, Inglaterra. Foi organizadora e professora da Oficina de Tradução Literária, curso de extensão da PUCRS. Começou a trabalhar com traduções de obras literárias em 1993, e desde 1997 dedica-se também a traduzir as peças de William Shakespeare. Em 2000, recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura pela tradução de *Otelo*, e, em 2001, o Prêmio Açorianos de Literatura com a obra *Pampa pernambucano (poesia, imagens, e-mails)*.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título do original em inglês: *The Merchant of Venice*

Edição consultada para esta tradução: “edited by M.M. Mahood” (The New Cambridge Shakespeare. Cambridge: The Cambridge University Press, 2003)
Capa: Marco Cena
Tradução: Beatriz Viégas-Faria
Revisão: Jó Saldanha e Bianca Pasqualini

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S539m

Shakespeare, William, 1564-1616
O mercador de Veneza / William Shakespeare ; tradução Beatriz Viégas-Faria. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2013.
(Coleção L&PM POCKET; v. 653)

Tradução de: *The Merchant of Venice*

ISBN 978.85.254.2810-3
1. Teatro inglês (Literarura). I. Viégas-Faria, Beatriz. II. Título. III. Série.

07-3707. CDD: 822
CDU: 821.111-2

© L&PM Editores, 2007
© Para utilização profissional desta tradução, dirigir-se à beatrizv@terra.com.br.
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Prefácio - Beatriz Viégas-Faria
- O Mercador de veneza
  - Personagens
  - Primeiro Ato
    - Ato 1, Cena I [Em Veneza]
    - Ato 1, Cena II [Em Belmonte]
    - Ato 1, Cena III [Em Veneza]
  - Segundo Ato
    - Ato 2, Cena I [Em Belmonte]
    - Ato 2, Cena II [Em Veneza]
    - Ato 2, Cena III [Em Veneza]
    - Ato 2, Cena IV [Em Veneza]
    - Ato 2, Cena V [Em Veneza]
    - Ato 2, Cena VI [Em Veneza]
    - Ato 2, Cena VII [Em Belmonte]
    - Ato 2, Cena VIII [Em Veneza]
    - Ato 2, Cena IX [Em Belmonte]
  - Terceiro Ato
    - Ato 3, Cena I [Em Veneza]
    - Ato 3, Cena II [Em Belmonte]
    - Ato 3, Cena III [Em Veneza]
    - Ato 3, Cena IV [Em Belmonte]
    - Ato 3, Cena V [Em Belmonte.]

Quarto Ato
Ato 4, Cena I [Em Veneza]
Ato 4, Cena II [Em Veneza]
Quinto Ato
Ato 5, Cena I [Em Belmonte]
Sobre a tradutora